

Melissa Soares Medeiros
Dulce Maria Sousa Barreto
Raquel Sampaio
Arruda Bastos

ANTOLOGIAS DO ELAM

VOLUME 1

**Melissa Soares Medeiros
Dulce Maria Sousa Barreto
Raquel Sampaio
Arruda Bastos**

ANTOLOGIAS DO ELAM

VOLUME 1

EdUnichristus
Editora do Centro Universitário Christus

Fortaleza
2021

Antologias do ELAM © 2021 by Melissa Soares Medeiros,
Dulce Maria Sousa Barreto, Raquel Sampaio e Arruda Bastos

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora do Centro Universitário Christus

R. João Adolfo Gurgel, 133 – Cocó – Fortaleza – Ceará

CEP: 60190 – 180 – Tel.: (85) 3265-8100 (Diretoria)

Internet: <https://unichristus.edu.br/editora/>

E-mail: editora01@unichristus.edu.br

Editora filiada à



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Programação Visual e Editoração Gráfica

Jefferson Silva Ferreira Mesquita

Capa

Melissa Soares Medeiros

Ficha Catalográfica

Tereza Cristina Araújo de Moura – Bibliotecária - CRB-3/884

M488a Medeiros, Melissa Soares.

Antologias do ELAM [recurso eletrônico] /
Melissa Soares Medeiros, Dulce Maria Sousa
Barreto, Raquel Sampaio Arruda Bastos. – Fortaleza
: EdUnichristus, 2021.

132 p. : il

5.441 Kb; E-book - PDF

ISBN 978-65-89839-08-8

1. Medicina 2. Literatura. 2. Antologia. I. Barreto,
Dulce Maria Sousa. II. Bastos, Raquel Sampaio
Arruda. III. Título.

CDD 610.808

Centro Universitário Christus

Reitor

José Lima de Carvalho Rocha

EdUnichristus

Diretor Executivo

Estevão Lima de Carvalho Rocha

Conselho Editorial

Carla Monique Lopes Mourão

Edson Lopes da Ponte

Elnivan Moreira de Souza

Fayga Silveira Bedê

Francisco Artur Forte Oliveira

Marcos Kubrusly

Maria Bernadette Frota Amora Silva

Régis Barroso Silva

CO-AUTORES

Bruno Cavalcante Fales de Brito Alves
Deborah Costa Moreira Albino
Iana Lima Fernandes
Érika Suyane Freire Silva
Clarissa Maria Gonçalves Machado
João Pedro da Silva Sousa
Adonai Alencar Rufino
Francisco Emanuel Albuquerque de Souza Júnior
Luiz Eduardo Fernandes Lima
Raoul Costa Praciano Sampaio
Clara Farias Otoni
Veyda Lourdes Ferreira Martins
Bárbara Chaves Alves de Oliveira
João Emanuel Farias Siqueira
Luca Mateus Pedroza Sales
Francisco Davi Fernandes Brilhante
Melissa Sousa Campos Nobre
Luccas Ribeiro Mesquita
Zaion Moura Mendonça
Carlos Arthur Fernandes Sobreira
Bárbara Lima Parente
Érica Holanda
Simão Pedro dos Santos Lima
Francisco Renan Ferreira de Sousa
Gabriel Bezerra Castaldelli

elã

Significado de Elã

substantivo masculino

- Entusiasmo; sentimento vivaz que motiva alguém a fazer alguma coisa.
- Impulso; movimento que ocorre súbita e espontaneamente: o elã da paixão.
- Vivacidade; expressão calorosa, amorosa, vivaz: falava com elã; elã político.
- Inspiração; criatividade ou suspiro criador: o elã do poeta.
- Gesto carinhoso, afetuoso, extrovertido: comunicava-se com elã.
- Elã Vital. Filosofia. Princípio que explica a evolução da vida nas suas mais variadas formas.
- Etimologia (origem da palavra elã). Do francês élan.

PREFÁCIO - ANTOLOGIA ELAM

O ELAM surgiu do encontro de duas paixões: a Medicina e a Literatura.

Desde pequenos, somos estimulados a desenvolver determinadas características necessárias para a sobrevivência e para a vida em comunidade. O asseio, a higiene, a alimentação balanceada, a paciência, o respeito aos outros. Aprendemos quais são as diferentes partes do corpo e suas funções, dos mais expostos até os mais escondidos.

Recebemos a noção do que é perigoso e do que é seguro. As brincadeiras nos mostram o que é o prazer, o que é a dor, as sensações que envolvem um corte na mão e uma queda da árvore. Na hora do lanche, descobrimos como é gosto azedo de um suco de limão.

À medida que crescemos, passamos a compreender que podemos interagir com o mundo exterior a nós mesmos. Os objetos podem ser mexidos, modelados, quebrados e consertados, enquanto os animais podem ser receber um afago, mas podem também atacar quando se sentem

ameaçados.

Quando nos damos conta, entretanto, que nossas ações podem exercer uma influência direta na vida de outras pessoas, surge em nós o elemento que nos fará ambicionar pelo cuidado com o outro. A prática da Medicina, assim, tem o seu núcleo na maneira como nós nos vemos no mundo: mais do que a mera interação, sentimos-nos impulsionados a estender nosso braço para além da nossa capacidade a fim de que a dor seja abrandada, o mal desapareça e a alma se apazigue.

Para muito além do apelo social e financeiro da profissão, o que mais se destaca na prática médica é o chamado para se colocar no lugar do outro. Sentir a dor do paciente, o seu mal-estar, a sua angústia. Há, então, um certo grau de masoquismo na vida de todo médico, mas não se trata de um desvio, e sim do pequeno preço que se paga para proporcionar o alívio e a cura.

A empatia, assim, não é opcional, mas absolutamente obrigatória na rotina hospitalar.

Colocamos os nossos olhos em órbitas alheias a fim de que consigamos ter uma perspectiva melhor e que nos conduza a decisões e terapias mais acertadas. Aqui, a Literatura se coloca como ponte, aos nos proporcionar percorrer caminhos que, de outra maneira, não teríamos como percorrer.

A ficção literária, em sua superfície, é habitada por narrativas imaginadas, às vezes até fantásticas e insólitas. Quando nos aprofundamos, no entanto, a riqueza das experiências humanas que podem ser vividas nos torna mais sensíveis e aptos a lidar com os outros. Tornamo-nos

mais tolerantes, mais pacientes, aprendemos a aceitar melhor a imprevisibilidade e as nossas próprias limitações.

Antes da criação do ELAM, unir a Medicina e a Literatura era um movimento sagrado da nossa intimidade como médicos e leitores. Depois de criado, o ELAM se confirma não apenas como uma alternativa entre vários outras, mas como o caminho que nos prepara para atuarmos não só como um técnico cujo foco é a doença, mas como terapeuta que trata a saúde de cada pessoa.

*Dulce Maria Sousa Barreira e
Mário Barreto de Moura Neto*

SUMÁRIO

1. A ORIGEM	11
2. TELAS E POESIAS DO ELAM	23
3. REFLEXÕES SOBRE LIVROS NO ELAM.....	75
4. AQUARELA.....	93
5. A PANDEMIA PELA COVID-19	105
6. DEVANEIOS FINAIS	115
REFERÊNCIAS.....	127

1

A ORIGEM

No dia 17 de setembro de 2019 nasceu o ELAM (Estudo de Literatura e Arte na Medicina), composto por professores que sempre se reuniam antes das aulas de tutoria da Faculdade de Medicina do Centro Universitário Christus (Unichristus) para discutir literatura e o mundo da arte, breves 15 minutos de dinâmico embevecimento cultural e contemplação da beleza mais pura produzida pelo homem. Durante a despedida do semestre em 2019, o grupo resolveu abordar com os alunos questões referentes à literatura e à arte. O nome Elam surgiu da modificação da palavra “elã” que significa “inspiração, criatividade ou suspiro criador” ou ainda “princípio que explica a evolução da vida nas suas mais variadas formas”. A proposta era levar literatura e arte para a medicina, de modo a estimular os alunos a enriquecer a leitura, amadurecer a empatia e a ética, desenvolver melhor a coleta de história clínica do paciente, permitir o aprimoramento do raciocínio e conectar a vida com a arte. Pelo processo artístico e literário, os alunos aprenderiam a se comunicar melhor com

os pacientes, por meio do desenvolvimento de informações sobre assuntos relacionados à cultura e à diversidade do pensar e viver.

Há uma tendência mais ampla na educação médica, que se tornou pronunciada na última década sobre a inserção da arte nas suas atividades educacionais. Cada vez mais, as escolas de medicina dos EUA estão investindo em currículo e programação em torno das artes. Os professores argumentam que o envolvimento nas artes durante a faculdade de medicina, seja por meio de cursos necessários ou atividades extracurriculares, é valioso no desenvolvimento de habilidades essenciais que os médicos precisam, como o pensamento crítico e as habilidades de observação e comunicação, bem como conscientização e empatia. Abordar uma grande variedade de cenários do mundo real, desde a tomada de decisões médicas até a ética. E nesta estrutura, há espaço para as artes do espetáculo, música, literatura e artes visuais.

Robert Rock, que estudou história de arte como graduação, tomou a iniciativa de desenvolver

seu próprio passeio de arte pelo Yale Center for British Art. Sua turnê, chamada “Making the Invisible Visible”, foi incorporada ao currículo de Yale.

Em Columbia, os alunos podem fazer um curso de quadrinhos ministrado pelo Dr. Benjamin Schwartz, Professor Assistente de Medicina e Diretor Criador do Departamento de Cirurgia da Colômbia, que também é um cartunista contribuidor para o New Yorker. Em suas aulas de primeiro e quarto anos, os alunos aprendem a criar seus próprios

quadrinhos e, no processo, obtêm insights sobre as diferentes vantagens para ver e entender as situações da vida real. Talvez o mais importante, eles aprendem a praticar histórias eficazes.

Na perspectiva dos estudantes de Medicina, os estilos de vida do ensino superior tendem a suprimir sua capacidade de dispor de seu tempo livre com a leitura de algum livro por lazer. Bill Noble diz “A prática da Medicina dentro de um contexto social é impossível sem o conhecimento da cultura”, o que

Foto 1 – Coordenação do ELAM e Reitor Dr José Rocha da Unichristus



poderia ser culturalmente mais de estudiosos apontam, do que a instrutivo, conforme uma séria Literatura e as Artes?

Foto 2 – Imortais da Academia Cearense de Médicos Escritores



Com o acesso à literatura, o leitor é convidado a formular juízos sobre ações e eventos que ocorreram no enredo, portanto, criando crenças e valores éticos próprios.

Lazarus e Rosslynd explicam que experimentar as Artes pode facilitar a relação médico-paciente, por estimular visões mais aprofundadas sobre padrões de resposta exibidos por pacientes. Estes autores, ao conduzirem um estudo sobre um módulo de Artes

na Escola Médica de Leicester Warwick, ficaram bastante surpresos ao descobrir que uma elevada porcentagem de seu grupo de alunos de Medicina “escreviam poesia, pintavam ou tocavam música de forma comprometida”. Adicionalmente, estes mesmos alunos afirmaram que um de seus principais interesses em participar do grupo em Humanidades Médicas foi para resgatar um antigo interesse que tinha sido deixado de lado, desde que

entraram na Escola Médica. Os autores também demonstraram que esta foi uma maneira que os alunos de Medicina encontraram para “manter contato com um ‘eu’ que a formação médica não mais lhes deixava tempo para, e que sentiam em risco, uma vez que estava distorcido pelos constantes ‘fatos e números’ [a serem compreendidos e memorizados]”.

Nos E.U.A., onde a Medicina é estudada como uma disciplina de pós-graduação e uma proporção substancial dos alunos entram na

Foto 3 – Aula inaugural da Prof Melissa Medeiros, Reitor Dr José Rocha da Unichristus e Imortais da Academia Cearense de Médicos Escritores

Faculdade de Medicina após uma licenciatura anterior nas Artes Liberais, suas Escolas de Medicina ensinam Humanidades Médicas como rotina.

No Brasil, educadores médicos, como Dr Ricardo Tapajós da ESP, têm estado preocupados com a capacitação profissional apropriada e efetiva no campo da infecção pelo HIV/Aids, de forma que tratamento e cuidados possam ser oferecidos de maneira adequada, ética e humanizada. Com essas preocupações, o



Departamento de Moléstias Infecciosas e Parasitárias DMIP da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, campus São Paulo FMUSP, tem oferecido regularmente dois cursos inusitados a seus alunos, sendo propostas que pretendem ensinar aspectos da Medicina por meio do ensino de Artes.

Os encontros são mensais para discussão de livros importantes da literatura mundial, ocorrendo as reuniões nas noites de terça feira. Recebemos durante o período alguns convidados que contribuíram para o enriquecimento intelectual do

grupo, como Dr Estevão Portela Nunes da Fiocruz-RJ e Dr Alvaro Jorge Madeiro Leite.

Estávamos organizando uma atividade para produção em aquarela com os alunos, vinculada a um texto sobre suas produções ao final de fevereiro de 2020, quando tivemos nossa última reunião pré Pandemia pela Covid-19. Nesse momento, foi solicitado aos alunos que expressassem seus sentimentos e suas emoções da melhor forma por meio da pintura, e posteriormente eles produziram seus textos.

No total, produziram-se 24 telas em aquarela. Antes

Foto 4 – Discurso inaugural da Presidente do ELAM Dra Dulce Maria Sousa Barreto



Foto 5 – 1º Grupo de Estudantes da Unichristus do ELAM



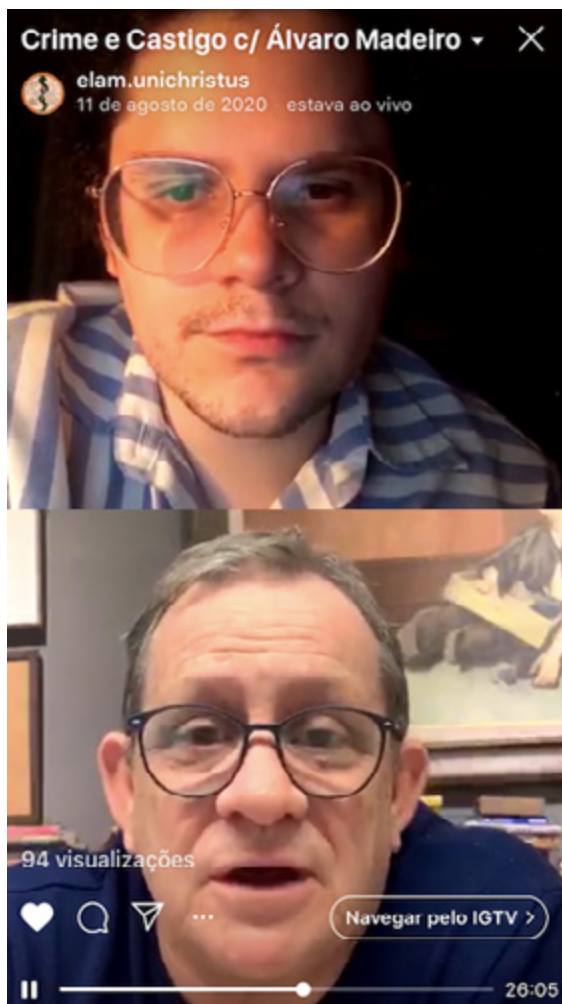
Foto 6 – Dr Estevão Portela Nunes falando de Literatura e Cinema na reunião presencial de Outubro/2019



Foto 7 – Reunião 29 de Outubro de 2019 do 1º grupo ELAM



Foto 8 – Dr Alvaro Jorge Madeira Leite com aluno do ELAM Bruno Fales em reunião virtual pelo instagram falando de “Crime e Castigo”



do início da atividade, um dos coordenadores preparou um tutorial sobre como utilizar a tinta de aquarela e estratégias simples para conseguir tons e efeitos de textura. Durante duas horas, os alunos produziram as telas com as mais variadas temáticas. Após a realização da pintura, elaboraram-se os textos no transcorrer da pandemia. Os temas abordados nos textos foram principalmente: amor (N = 2), envelhecer (N = 2), pecado e religiosidade (N = 4), ciclo da vida (N = 6), câncer, caos, sabedoria, mortalidade (N = 3), tempo, olhar e ver (N = 2) e regionalismo (N = 2) (Figura 1).

Os 24 textos sobre as aquarelas foram reunidos e transformados em nuvem de palavras, refletindo as que mais prevaleceram (Figura 1). Por meio dos textos, o aluno pôde trabalhar uma estratégia de coping diferente, menos estressante, que lhe permitisse extravasar os sentimentos e as ansiedades para um grupo. O conceito de coping é derivado de duas abordagens: a primeira, vinculada à experimentação animal, refere-se ao comportamento de fuga e esquivia; e a segunda, relacionada

à psicologia do ego, foca os mecanismos de defesa propostos pela psicanálise. Em uma visão mais integradora, o coping é explicado como um processo transacional entre a pessoa e o ambiente, em que as estratégias de enfrentamento têm as funções de alterar a relação entre a pessoa e o ambiente e adequar a resposta emocional ao problema.

A ideia do grupo Elam surgiu pela preocupação dos professores com a ética e o desenvolvimento da consciência e responsabilidade do aluno na graduação e com a futura relação médico-paciente. A perda de empatia tem sido descrita como mecanismo de defesa do estudante mediante seu confronto com realidades de sofrimento e dor dos pacientes a partir do terceiro ano de faculdade. Nossa preocupação também é proteger e manter a empatia dos alunos, de modo que, ao saírem para praticar a medicina, eles ainda sejam indivíduos empáticos. Alguns alunos se sentem confiantes com o currículo dos primeiros dois anos, mas experimentam maior estresse e ansiedade no início do terceiro ano, o que traz à tona a importância das habilidades

Figura 1 – Nuvem de palavras extraídas dos textos produzidos pelo grupo Elam



Fonte: Elaborada pelos autores.

interpessoais, habilidade em equipe e flexibilidade durante a rotação por várias especialidades da medicina. O terceiro ano também coloca, inevitavelmente, os estudantes de Medicina em contato com pacientes com doenças terminais. O terceiro ano da faculdade de Medicina foi estudado por Haglund et al. No estudo, muitos alunos relataram exposição a traumas, maus-tratos pessoais e péssimos role-models por superiores. A exposição ao trauma foi positivamente associada ao crescimento pessoal

no final do ano, o que indica que os alunos tendem a ser resilientes. Em contraste, a exposição a outros eventos estressantes tornou os alunos vulneráveis à depressão e a outros sintomas de estresse.

Para Coleman e Eso-Ahola, o lazer é capaz de gerar mecanismos de coping que ajudam o indivíduo a lidar com os problemas desencadeadores de estresse, assim como o esporte. As concepções de coping, decorrentes do lazer, têm um significado positivo para a saúde, repercutindo na redução dos

níveis de depressão, estresse e ansiedade.

Paracelso já dizia: “Medicina não é apenas uma ciência, é também uma arte”. Ao combinar ciência e arte, a medicina pode ser prolífica na tentativa de investigar e compreender a vida humana

como um todo, sem focar exclusivamente o estudo de suas partes constituintes.

Após esta breve introdução, apresento-lhes orgulhosamente as primeiras produções visuais e literárias da 1ª turma do ELAM.

2

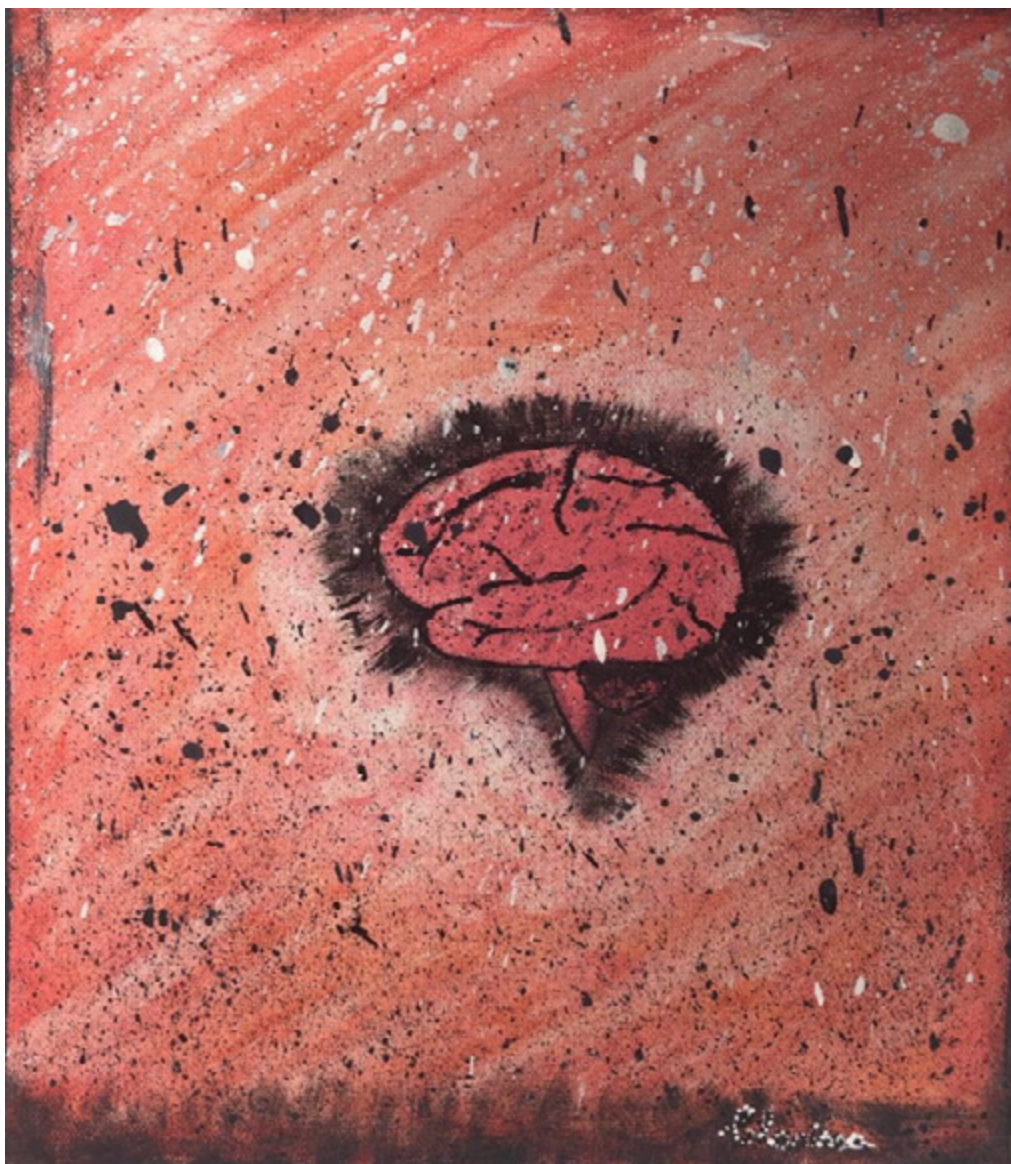
TELAS E POESIAS DO ELAM



Tela 1. Érika Suyane Freire Silva

Real ou ironia?
Objetivo ou abstrato?
Olha as cores! Vê o contraste!
Não vês de cima?
Que chegaste?
Alma plena,
sangrenta
Em cena
Sentir dúbil
Ação débil
Dúbio mata
Débil se/para
q?
Responde ó mar!
Me ajude a entender
O contorno do teu ser
Escarlate, disparate
Que não deixa escapar

Que me fez amar
Zona de conforto voltar?
Sem sofrer
Sem doer
Sem arriscar?
E teus olhos?
E meus olhos?
Tela de aventuras:
-Passada!
-Presente,
-Futuras?
Só que digo que aprendi
A me amar
Simples assim, direto assim,
verdadeiro sim
Entendimento concreto
De uma criança sem referência
Sem máscaras, apenas essência



Tela 2. Clarissa Maria Gonçalves Machado

ENVELHE(SER)

Envelhece o ser ou o ser envelhece?

Pra você, o que ocorre primeiro?

E o que o “envelhecer” significa pra você?

Uma palavra e tantos significados...

No dicionário, encontra-se: tornar velho, tornar-se velho, parecer velho. E quando podemos dizer que começamos a envelhecer? A ser velho?

Para muitos é uma coisa distante, só acontece lá pros 60, 70 ou 80 anos.

E quando saberemos a hora que estaremos velhos definitivamente? Será se o marco vai ser quando nossos amigos começarem a morrer? Quando não conseguirmos mais fazer atividades diárias de vida ou nos cuidar sozinhos? Quando precisarmos da ajuda de outras pessoas? Quando somos teimosos?

Se isso for envelhecer, uma criança já pode ser considerada “velha”, pois perdeu um coleguinha para uma LLA; um bebê já é velho, pois

precisa do suporte de outrem para as atividades diárias de vida e não consegue se cuidar sozinho. Você já parou pra pensar nisso? Então, me responda qual a diferença de uma pessoa considerada da 3ª ou 4ª idade para uma criança ou bebê? É o ser que envelhece ou o envelhecer?

E envelhecer é algo bom? Há quem diga que sim, há quem diga que não. Quem é você nessa questão?

Eu penso nos dois...A dualidade sempre acompanhando os pensamentos de qualquer pessoa...nem que seja por um segundo. Se pensar no sim, pode ser pelo fato da vida ser um presente divino (como o ser vivo é tão completo nas suas funções biológicas? A homeostasia é perfeita!). Se pensar no não, pode ser pelo fato das pessoas não conseguirem lidar com um idoso que precisa de mais cuidados.

Se tudo isso faz algum sentido, então quando precisamos nos cuidar para envelhecer?



Tela 3. João Pedro da Silva Sousa

A fome de ser

A fibra de cada ser humano se agarra, mais do que no que entra no corpo, no desejo que cada coisa ou alguém exerce sobre ele.

O mundo não é mais nada do que um punhado de carne em brasa, inflamada, clamando profanações e urrando de dor.

Os pecados são a miséria humana transformada em voluntariado.

A gula é a fome da alma humana de ser, seja um reservatório para o que destila ou matéria densa, que preenche.

O Deus que carregam no pescoço é um grilhão trancado por própria vontade.

O peso da heresia e a dor do castigo são familiares e âncoras que protegem da loucura, o estado de total compreensão do infinito que nos cerca e preenche.

O chicote estala alto para que seus escravos não escutem as próprias vozes, que a repreensão contra a vontade e o desejo aconteçam.

A fome não é a mazela... a fome nos libertará.



Tela 4. Adonai Alencar Rufino

Contornos indefinidos tais qual uma representação de uma realidade borrada;	Forçamos que os contornos sejam bem definidos;
Convertemos a nossa vida numa realidade borrada;	Tornamo-nos atores, por fim, da peça Que se tornou nossa vida



Tela 5. Francisco Emanuel Albuquerque de Souza Júnior

PÔR-DO-SOL

Olhar o pôr-do-sol permite ver um fim de um ciclo e o nascer de outro, o fim do dia e o início da noite, ou o inverso. Da mesma maneira, há o ciclo da vida: nascer, crescer, envelhecer e morrer. Após o organismo morrer, as substâncias decompostas entrarão também nos seus ciclos: ciclo do carbono, do nitrogênio, da água... e servirão de matéria-prima para a formação de outros seres vivos.

A saturação das cores do pôr-do-sol também é contagiante, capaz de atrair a atenção de diversas pessoas, as quais podem parar o que estão fazendo para apreciar essa Obra Divina. Com esse momento de apreciação do Divino, o lado artístico que cada um

tem, mas que muitas vezes está adormecido, é estimulado; e esse estímulo motiva esses indivíduos a refletirem sobre a vida e a reconhecerem sua condição humana.

Também é possível observar o reflexo distorcido do sol nas águas do mar, mostrando que o sol é original e não pode ser reproduzido com perfeição nem pelas águas do mar. Isso demonstra o quanto cada um de nós é único, e que não é possível alguém ser totalmente igual a nós, nem nós sermos totalmente iguais a ninguém. O valor está no que somos, sendo nós mesmos; além de cada um ter seu valor, suas qualidades, suas virtudes.



Tela 6. Luiz Eduardo Fernandes Lima

It's benign

De onde saiu a via láctea
Agora sai água avermelhada
No lugar da vida
Mastectomia
Todas as dores dos exames
Chega-se ao câncer

Levando à lágrimas
As amamentadas
O caranguejo imortal leva
Quem alimentou e ensinou
E a quem deu a vida
Nem a vida restou



Tela 7. Iana Lima Fernandes

Suspiro

Em meio ao caos, a paz e a calma, cada segundo.
um tanto árcades, se tornam os Em meio ao caos, pode-se
objetivos mais profundos da raça finalmente dar valor ao que
humana. realmente importa.
Em meio ao caos, a liberdade é o A vida é um breve sopro.
que se busca incansavelmente, a Um suspiro



Tela 8. Bruno Cavalcante Fales de Brito Alves

Uma vereda de senescer

A alvorada do ser
Celebrada por todos
O novo acaba de acontecer
Logo caímos no engodo
O epílogo é além
Desenvolver em ascendência
Meus iguais não têm declínio

E se não produzir um líneo?
Se, no frenesi, intermitência?
Se repulsa ao olhar de outrem?
Caso caia em sujeição
O cárcere o espera
O crepúsculo, pequena quimera
Frente uma vida sem elação



Tela 9. Zaion Moura Mendonça

O monólito

Sozinho, frio e duro. Essa poderia ser a definição de certas pessoas, mas é a de um monólito.

Entretanto, diferente delas, essa grande pedra não é efêmera.

Talvez esteja onde está desde que o mundo surgiu, e presenciará seu fim.

Observou civilizações surgirem e desaparecerem.

Sofreu com as guerras que incontáveis gerações criaram, e sorriu com as curas que

descobriram.

Vê-las-á tentar equilibrar vontades e ações, enquanto depositam as esperanças nos que herdarão as consequências do que decidirem.

Assim, um monólito é um sábio.

Possui a sabedoria que só vem com o tempo, o desgaste e as intempéries, então sabe-se lá quantos conselhos e reprimendas nos daria.

Já imaginou se pudesse falar?



Tela 10. Raoul Costa Praciano Sampaio

A vida em primeira pessoa

Ele NasceEU

Ele EnvelhecEU

Ele AprendeEU

Ele MorreEU

Ele CresceEU

Ele PermaneceEU

Ele ConvenceEU



Tela 11. Francisco Renan Ferreira de Sousa

Diário

Meu querido companheiro Diário, hoje o dia é 10/11/2019. Nessa noite quente vou relatar sobre um livro que li recentemente intitulado *Mortais* de um grande cirurgião chamado Atul Gawande. A temática central fala sobre “Nós, a medicina e o que realmente importa”, em que resumidamente o foco das suas pesquisas é sobre envelhecimento e óbito. Diante do avanço médico-científico, muito se têm estudado maneiras de se postergar o “passamento para a eternidade”, mas não evitá-la. Com isso, vêm à tona questões relacionadas tanto ao processo de envelhecimento quanto à finitude do ser humano.

No entanto, tanto a graduação quanto a maioria das especialidades não preparam o médico para uma situação que ele enfrenta cotidianamente, o falecimento. Sabendo desse cenário, é necessário treinamento para não só os médicos, mas para todos os profissionais envolvidos, sobre como se deve lidar com a impotência e limitações da própria medicina em responder questões que não são respondidas pela

própria natureza.

O livro inicia sua narrativa falando sobre a independência dos idosos. Ele descreve que na maioria das vezes estes senhores têm mais medo de perder sua autonomia e passar a depender de outros do que fato de “bater as botas”. Posteriormente, o autor reflete além da degeneração e o temor de “sucumbir”, também os impactos dessa transformação no sentido construído ao longo da vida. Ressalta que os cuidados médicos são fundamentais para definir se a “caminhada final” será brusca ou gradual.

No capítulo seguinte, debate um acontecimento que precede o “descanso eterno”, a Dependência. Quando as limitações se sobressaem, as casas de repouso e os asilos se tornam destinos de muitos desses senhores. É certo que essas instituições são inevitáveis para muitos idosos. No entanto, por mais que deem uma assistência integral para esses senhores, a família ainda deve ser a principal cuidadora. Deve levar seus anciões nas costas, assim como na lenda Ubasuteyama, do

Japão feudal, em que os filhos deviam levar seus pais já velhos nas costas subindo montanha Narayama até topo para que possa aguardar seu “passamento para a eternidade”. O fato de levar nas costas não deve ser um suplício. Um peso! E sim, uma forma de reconhecer que muitas vezes você foi levado nas costas e nos braços por ele (#gratidão).

Adiante, fala da dificuldade dos profissionais da área médica que são preparados para reparar a saúde, em compreender e respeitar as vontades e necessidades dos pacientes. Rever esse posicionamento e pensar mais no paciente, a doença dá lugar a pessoa e o valor maior deve ser dado para preservação da capacidade funcional e da autonomia do mesmo. Desse modo, ele continua falando de quando o impulso dos médicos em controlar a doença deve ser barrado. O combate à “desencarnar” por “terapia intensiva”. Quando a medicina não puder mais controlar a doença, deve-se auxiliar no processo de “desviver”. O “ir-se” é inevitável e irreversível.

Dessa forma, os cuidados

paliativos possibilitam a garantia de um final de vida com maior qualidade e menos sofrimento, propiciando assim um bom “findar”.

Por fim, Dr. Gawande fala sobre a coragem para reconhecer que não há controle do final da vida. Deve-se atentar que em certas ocasiões um tempo de vida maior não é uma prioridade. Como o reconhecido aforismo hipocrático fala: nem sempre é possível curar, aliviar algumas vezes, mas sempre é dever do médico em consolar seus pacientes. Assim, diretrizes invasivas devem ser substituídas por estratégias de enfretamento da realidade. É preciso organizar os cuidados daquele que envelhece, buscando sempre integrar família, os cuidadores e profissionais de saúde.

Após essa reflexão do livro querido diário, fica aqui uma lição para esse futuro médico que vos fala. A morte precisa deixar de ser pouco comentada e nomeada assim como fiz dez vezes nesse texto e poderia chama-la de outras tantas, como “vestir o paletó de madeira” ou “juntar os pés”. A morte é inerente à vida. A partir do momento que conversamos

francamente e nos preparamos para a morte, ela deixa de ser menos traumática tanto para nós médicos, como também para o paciente e seus familiares. Tudo isso se inicia quando entendemos que por mais que sejamos “heróis sem capa”, devemos aceitar que somos MORTAIS.



Tela 12. Veyda Lourdes Ferreira Martins

Leito 274

Me sinto doente.

O

Tempo

T

O

D

O

Me sinto sem forças.

A vitalidade se esvaiu de mim,

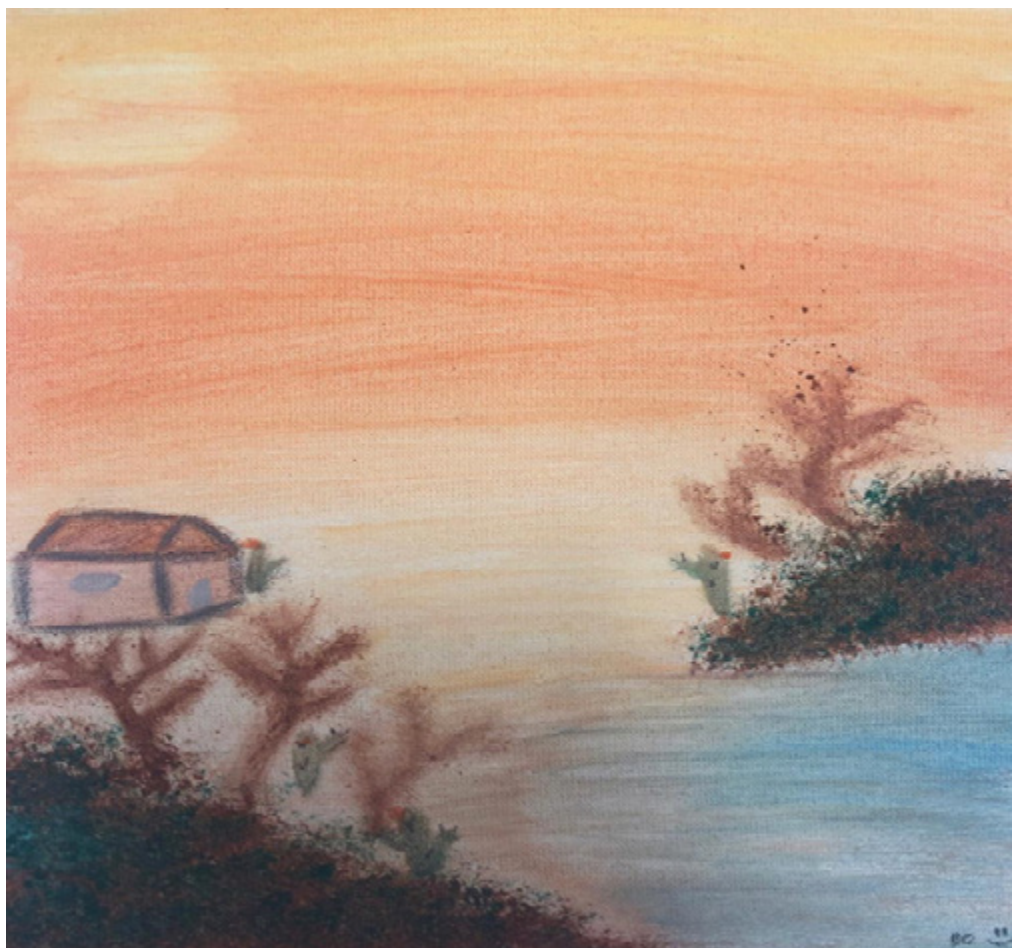
como os grãos de areia da praia
que eu não vou se esvaem das
minhas mãos.

Como se foi a vida do leito 274
sem que nada pudesse ser feito.

Restou apenas seu prontuário.

Assim como de mim restaram
apenas documentos

E um diploma.



Tela 13. Bárbara Chaves Alves de Oliveira

VIDA

O ciclo da vida é algo complexo, vai além do biológico, perpassa pelo psicológico, entrelaça e traz a continuidade de vidas. Nesse percurso, aprendemos a lidar com o nascimento, o crescimento e por vezes com a morte e o luto, desses fica a saudade. Esse sentimento tão abstrato, mas por vezes tão vivo, que impacta cada pessoa de forma única e transformadora.

Sempre foi difícil falar sobre o luto, viver luto. Muito jovem perdi uma das pessoas que mais amava, meu vovô João, na época, criança, não vivenciei o processo de morte e luto. Quando comecei a cursar Medicina, comecei a estudar e a aprender sobre o processo. Hoje, ficaram, as lembranças, os entendimentos e principalmente a saudades, com aquele toque de felicidade por ter tido ele na vida.

A lembrança mais linda, alegre e, por vezes, triste que a saudade me traz é sobre ele que me ensinou sobre humildade, amor, cuidado, zelo, empatia e,

principalmente, simplicidade. Ah, meu vovô João, sempre que lembro daquele bigode e daquele sorriso, vem a mente seu lugar preferido no mundo, o seu sertão.

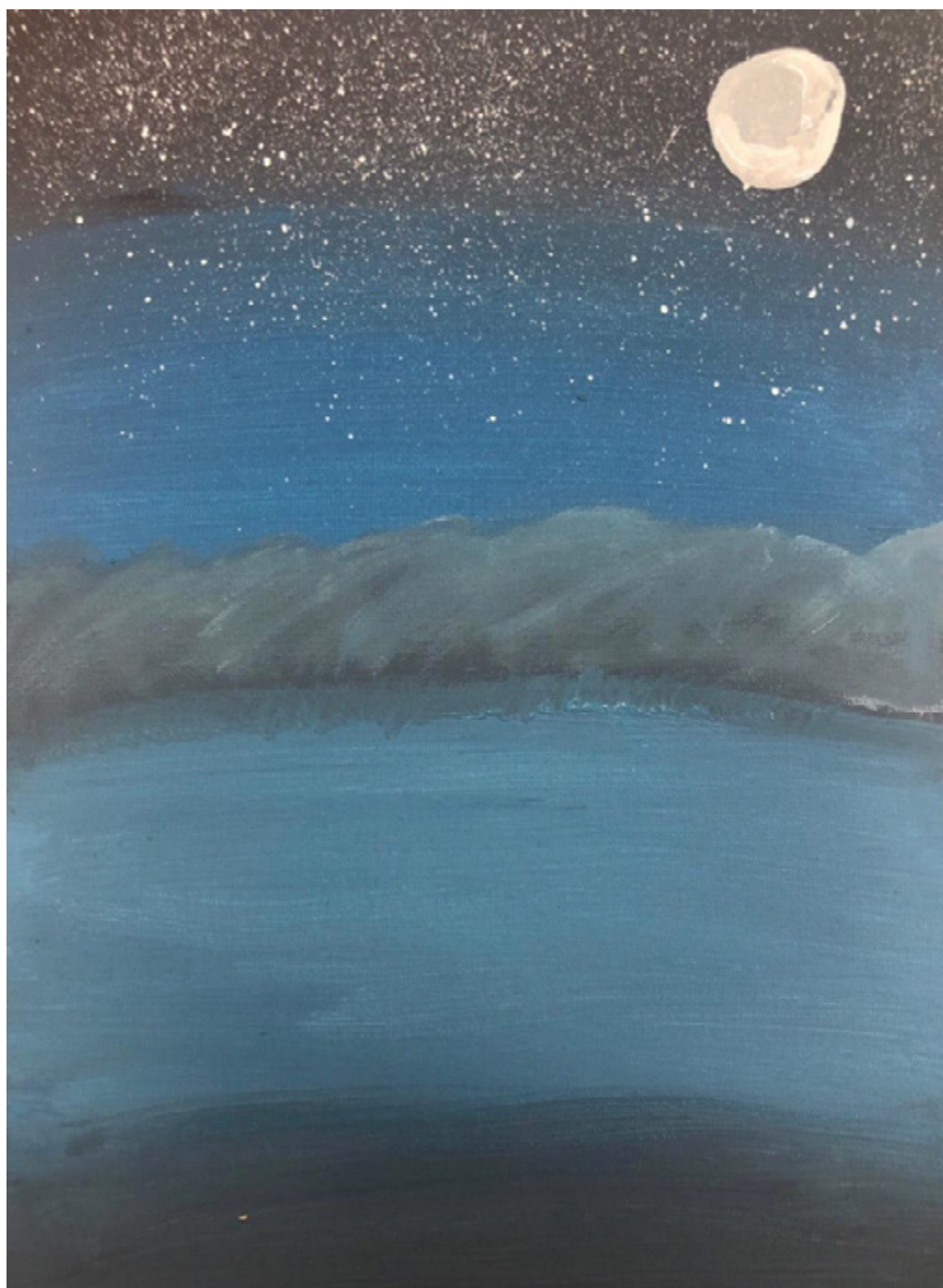
Muitas pessoas podem pensar que lugar sofrido, seca, morte... mas para ele não! Ele e minha avó Iraci, ressignificaram esse local para mim, sertão passou a significar a possibilidade de renascer, de ver aquela terra seca, aquelas plantações morrendo, o gado magro, entretanto, basta um pouco de água e tudo volta a ser verde, a ter vida nova. Essa é a lembrança dele que fica em meu coração, é o que significa vida para mim, a **RENOVAÇÃO**. Tudo que morre, nunca morre por completo, sempre fica um pouco na gente. Assim é a vida, um constante ciclo de renascimento e aprendizado. Como diria um dos meus personagens favoritos “Aqueles que nos amam nunca nos deixam de verdade”. (Sirius Black- Harry Potter). Eles sempre estão cuidando e intercendendo por nós.



Tela 14. Melissa Sousa Campos Nobre

O envelhecer

Envelhecer, o entardecer da vida	família
Avaliar a trajetória	Envelhecer, a fragilidade do corpo
Pegadas deixadas e pessoas marcadas	Lembranças intactas da partida da sua amada
Lutas e conquistas da caminhada	Há solidão no fim
Dos almoços de domingo em	Enfim, resta a saudade deixada.



Tela 15. Francisco Davi Fernandes Brilhante

No anoitecer
A lua ilumina o caminho
Da travessia.
Entre cordilheiras há um rio.
Frio, Medo, Receio
Sem saber o q esperar
Quando enfim atravessar.

Em meio aos atravancos
Haverá um novo rumo
Uma nova vida,
Um novo ser
Q virá um dia padecer
E se lembrará q venceu
os óbices da sua existência.



Tela 16. Clara Farias Otoni

Liber(dá)de

De ir, vir, sentir.

De ter, viver, ser.

De perdoar, doar, amar.

Não julgar.

Doar-se com amor, por amor.

Manter acesa a esperança.

Com fé, fazer a mudança.



Tela 17. Deborah Costa Moreira Albino

Assombrado

É sobre andar assombrado
Todo final de tarde
andar e andar
Tentando fugir do que se é
Dos pensamentos
Das conseqüências dos atos
Das escolhas...
Do que me tornei
Andar até a exaustão
Desistir ... retornar a casa
Com as memórias mais ávidas
Adormecer
Arrepiar entre os pesadelos
sentir a culpa invadir a alma
Só eu e meu sofá sabemos o que fiz
O que me tornei
Segredos que não agüento mais
guardar
Mas não posso confessar
Não ! Não sei lidar
A frustração transborda.
Achei que seria mais fácil, que
daria conta

Me julguei ser capaz, ser
extraordinário
Porém eu sou apenas mais um
ordinário
Um parasita
Mas que mal tem nisso?
Redenção? É possível?
Não sei... o que fazer?
Um novo dia começa...
Sinto a claridade.
Não me levanto
Nossa... já é final de tarde
Me sinto sufocado aqui.
Vou caminhar...
Andar ...
Buscar...
Quero paz..
Quero silenciar o que sinto, quem
sou
Por favor... mente acalma
Coração... pare
Ando.. ando
E agora?



Tela 18. Luca Mateus Pedroza Sales

Quebrando as barreiras da natureza humana

Quanto você pagaria pela sua imortalidade?

A natureza humana foi feita exatamente para nascer, viver e morrer.

Mas algumas pessoas querem ser imortais.

Quem gostaria?

Essas mesmas pessoas desafiam as leis naturais

para descobrirem formas de se tornarem imortais,

ou mesmo de serem ricos, ou de venderem algo

que elas chamam de melhor, de mais confortável, e até de felicidade.

Quanto você pagaria pela sua felicidade?

Algumas pessoas pagam tudo, por mais barato que seja o produto, pagam com a própria vida para ter poucos momentos de felicidade.

Quando bebemos refrigerante, quando colocamos açúcar no café, quando comemos pizza,

quando comemos batatas fritas, quando fumamos um cigarro, seja ele eletrônico ou não,

quando só dirigimos carro, nós nos sentimos confortáveis e com uma sensação de prazer.

Porém, esses momentos de prazer nos custam caro,

custam a nossa própria saúde, custam quebrar a barreira humana.

Porque, afinal, nós não fomos feitos para isso.

E ainda, a natureza não foi feita para ser destruída

para que os produtos de sua destruição viessem também nos destruir.

Então, quebramos a natureza e quebramos a natureza humana.

Nós nascemos sem roupa, enquanto bebês temos o leite da mãe,

quando crescemos dispomos da força e dos movimentos voluntários

para caçar e comer, andar e correr. Nascemos para tomar banho nos rios e nos mares.

Tudo isso, na natureza, para a natureza, da natureza.

Da própria natureza cuidando de todos nós.

E se o que nos mantém vivos é quem cuida de nós, é fácil dizer o resultado dessa equação: IMORTALIDADE.

Fluir conforme a natureza, é disso e só isso que precisamos.

Eu não estou condenando as coisas que foram criadas, aliás, todos nós somos criativos e capazes de criar qualquer coisa e sobrevivermos por este produto e ser usado para fins humanos, lógico.

Mas estou sugerindo a vocês que pensem em suas próprias vidas, se vocês realmente estão dispostos

a pagar o preço de se manterem dessa forma.

Em vez disso, paguem o preço da vida.

Vamos baratear a natureza que já é de graça

e seguirmos para a revolução mais importante de todas:

a revolução com foco total na reconstrução da natureza humana.



Tela 19. Carlos Arthur Fernandes Sobreira

O enxergar

O problema do homem é nunca contentar-se no lugar em que ele está, na vida que ele vive, no cargo que ele ocupa, e em tudo aquilo que ele enxerga.

Enxergar.

Diferente de Ver.

Árvores, rios, sol, bem-te-vi, petúnia; vejo natureza, enxergo paz. Ruas, Asfalto, homem; vejo cidade, enxergo Caos. Tudo aquilo que está ao nosso redor é resultado de vários fatores, que juntos transmitem uma singularidade; a

percepção. Tudo, desde a luz que atinge a retina, que é convertida em sinais elétricos pelo nervo óptico até o corpo geniculado lateral, onde envia a informação ao centro ocular primário, conflui, como um emaranhado de informações, texturas, formas, cores, memórias, para o Infinito que é a nossa alma. Mas nem esse longo e complicado caminho é capaz de unicamente transmitir aquilo que é mais precioso; o enxergar.



Tela 20. Érica Holanda

Observer

Olhos que antes viam de perto o que hoje é visto de tão distante.

Olhos que agora observam através das telas.

Realidade utópica ou distópica?

Visão refletida na tela. Será que realmente encurtamos a distância?

Ou criamos uma barreira emoldurada aos olhos? Olhamos, mas será que verdadeiramente contemplamos?

Apesar de tudo, temos que nos adaptar e, se for necessário, sob telas continuar a nos reinventar.



Tela 21. João Emanuel Farias Siqueira

Festa da fé

Dias de seca	Olhar para o céu
Dias de chuva	Encontrar clemência
Tudo é miséria	No meio de tudo
Tudo é fartura	Existe uma cruz
Paisagem marromtriste	Mas há uma Mãe
A água toca	Que nos auxilia
Se enche de verdesperança	A cada invocação
É preciso coragem	No fim tudo é festa
É preciso resistência	Basta fé no coração



Tela 22. Lucas Ribeiro Mesquita

Vó amor, voa
Floresceste no agreste nordestino
Cresceste como árvore frondosa
Deste sementes que não morrerão.
Fluiste águas que nos nutriram
Foste rios que nos alagou de amor
Doaste mares de carinho.
Mas tu gostas de voar e
Tua gaiola se abriu

Teu lugar não é aqui
Teu lugar está nos ares
Voa para não voltar mais, amor
É lá que teu sorriso se abre
É lá que tuas asas se estendem
Teu destino é longe mas o amor é
perto.
Vó, amor.



Tela 23. Simão Pedro dos Santos Lima

Contemplar e Refletir

Talvez o pensamento nos leve a contemplar coisas que são bonitas aos nossos olhos e que nos permitam a transcendência, mas e se aplicarmos isso a vida?

Contemplar e refletir aquilo que nos emociona, encoraja e atrai.

Talvez a lua contemple o sol e assim nos reflita a luz dele, do mesmo modo ao contemplarmos a criação

devemos ser reflexo do criador. Um médico não contempla a doença e reflete a cura, ele contempla o ser humano e reflete a medicina.

Contemplemos os que nos são exemplos: professores, médicos, seres humanos e possamos ser reflexo de toda a positividade, honestidade e competência que nos ensinaram...



Tela 24. Bárbara Lima Parente

O que é o amor?

O amor a gente sente e não explica.

O amor não tem fronteiras, não tem limites.

O amor tem cheiro (e o cheiro é tão bom...)

O amor envolve doação, o amor envolve carinho, o amor envolve empatia...

O amor late quando está feliz em te ver e balança o rabinho, mesmo que você tenha deixado ele sozinho o dia todo.

O amor sorri quando você chega em casa depois de um dia super cansativo.

O amor não vê cara, cor ou corpo.

O amor que late não está preocupado se você é branco, preto, homem, mulher, hetero ou

homo. Ele apenas ama você do jeito que você é.

O amor que late não se preocupa se você está de pijama ou se está com sua melhor roupa. Ele apenas está ali para lhe amar.

O amor que late é puro. Pra ele não importa o local, só importa está ao seu lado.

Porque somos tão rudes com nós se eles nos aceita como nós somos?

Porque os seres humanos em vez de aceitar as diferenças e amar uns aos outros como cada um é, tem que julgar e criticar?

Porque não podemos amar que nem os animais nos amam, sem julgamentos e preconceitos?

Apenas amar...

3

REFLEXÕES SOBRE LIVROS NO ELAM

Durante as vivências no grupo do ELAM, muitos alunos acrescentaram suas críticas, *insights* e devaneios sobre o que vivenciaram sobre a arte. O momento do contexto destes escritos decorreu em meio a pandemia pela Covid-19 e esta muito impactou nesses descobrimentos. Através dessas reflexões podemos vislumbrar o mundo pelos olhos ávidos de conhecimento e descobertas da nova geração de médicos do estado do Ceará. A seguir a produção de alguns textos dos alunos da 1ª turma do ELAM.

3.1 Mortais

Autores: Ana Beatriz Cordeiro Carvalho, Bruno Cavalcante Fales de Brito Alves, Clarissa Maria Gonçalves Machado, Deborah Costa Moreira Albino, Francisco Davi Fernandes Brilhante, Francisco Emanuel Albuquerque de Souza Junior, Iana Lima Fernandes, Melissa Sousa Campos Nobre

Atul Gawande é médico, professor do Departamento de Saúde Pública e escritor do livro “Mortais - Nós, A Medicina e o Que Realmente Importa No Final”, o

que nos foi proposto para lermos. Na área de saúde pública, ele é diretor executivo da Ariadne Labs, um centro conjunto de inovação de sistemas de saúde e presidente da Lifebox, uma organização sem fins lucrativos que trabalha na redução de mortes em cirurgias em todo o mundo, com isso, ele tem bastante propriedade para falar sobre questões da medicina. O processo de envelhecimento e morte fazem parte da discussão principal do livro. Relata algumas experiências de vida que o ensinaram a lidar com essa área da medicina que é tão pouco discutida em faculdades. Em contraste, relata que o avanço científico na medicina alterou profundamente a vida humana, possibilitando um aumento no tempo e na qualidade de vida, o autor se ateu à experiência da mortalidade, refletindo sobre o processo de envelhecimento e questionando o próprio papel da medicina com relação à efemeridade. Achei interessante o modo como o autor dividiu o livro em oito capítulos, além da introdução e do epílogo: o ser independente, caindo aos pedaços, dependência, assistência, uma vida melhor, desapegar-

se, conversas difíceis, coragem. Desse modo, já mostrando-nos um pouco da visão geral de como o autor quer que vejamos as ideias criadas por ele.

Durante a primeira reunião, foi possível perceber que o projeto de extensão vai além de olhar a arte como parte da Medicina; é uma iniciativa que vem para tornar a relação médico-paciente mais humana e mais delicada. Tal fato foi perceptível na leitura do primeiro livro recomendado. O livro aborda como um tratamento mais humanizado, acolhedor e que busca trabalhar com o auxílio do paciente pode ser essencial para não só a recuperação de uma pessoa, mas também para tornar a vida desta mais confortável, feliz e leve. Muitas vezes, estamos tão focados em resolver o problema do paciente que esquecemos do ser humano por trás da doença. Esse mesmo ser humano, muitas vezes, apenas quer ser escutado e quer ouvir palavras reconfortantes. Outro ponto importante que é abordado no livro, é a questão do “menos é mais”. Menos prescrições de remédios e intervenções, em diversos casos, acaba sendo sinônimo de uma melhor

qualidade de vida, sobretudo, para pacientes idosos. Esse “menos” pode ser alcançado de diversas formas. No livro, o simples fato de dar um propósito e um senso de responsabilidade para os pacientes em uma casa de repouso foi o suficiente para reduzir o número de drogas utilizadas pelos moradores e diminuir o diagnóstico de doenças psíquicas muitos comuns na geriatria, como a depressão. Isso mostra que olhar para um pássaro, caminhar com um cachorro, abraçar um gato ou cuidar de uma planta, ou seja, ações simples e humanas, são, algumas vezes, mais eficazes do que remédios e outros aparatos médicos tradicionais. Para chegar a essa conclusão de como o senso de responsabilidade e como tarefas, vistas por muitos como banais, podem ajudar na qualidade de vida de um paciente, é necessário ter um olhar sensível e empático para como o outro. Muitas vezes, se colocar no lugar e na situação do próximo não é uma atitude fácil, pelo contrário, é algo que poucos conseguem verdadeiramente colocar em prática.

Durante a leitura de

“Mortais” pudemos observar um médico, mais especificamente um cirurgião, sair de sua zona de conforto e tentar entender não só a clínica do dia a dia, mas também aquela que tantos temem: a clínica do fim da vida. Foi incrível, pois, assim como nós acadêmicos, era um mundo novo, diferente e com muitos desafios. Como proporcionar dias mais leves, menos dolorosos e sofridos sem, ao mesmo tempo, privar o indivíduo de aproveitar a vida como deseja? Ao longo do livro, tento o autor quanto o leitor vai tentado descobrir respostas para essa e outras perguntas. O livro abre nossos olhos sobre como devemos sempre ser mais humanizados, sobretudo, diante de nossos pacientes, independente em que momento da vida eles estão.

Mortais, de Atul Gawande, mais especificamente ao capítulo 6º, intitulado “Desapegar-se”. Eu marquei boa parte das sentenças desse capítulo, porque é momento em que realmente o autor se debruça sobre o morrer na época da medicina moderna. Usando Camus e Gawande como interlocutores, se vale

à pena viver, então sob quais condições? É justamente sobre os Cuidados Paliativos que esta parte de Mortais trata e chega-se a questionar como é possível saber a hora de morrer quando as intervenções médicas permitem que as expectativas de viver por mais tempo superam a prioridade de viver o agora com o máximo de qualidade possível.

Na reunião lembro de ter levantado o ponto de que, no livro, a situação dos idosos e superidosos (aqueles com mais de 80 anos) nos EUA é trespassada por um aspecto cultural importante: os genitores, logo após a entrada de seus filhos na faculdade, afastam-se significativamente deles, não participando mais de suas rotinas como outrora, além de que quando os pais tornam-se avós esse distanciamento se acirra ainda mais. Há, assim, um contraponto importante com nossa brasilidade, em que avós muitas vezes chegam a exercer papel de pais e não é incomum estreita relação através das gerações. Um contraponto surgiu de uma colega que descreveu as condições sofríveis em que vivem alguns idosos em casas de repouso aqui em

Fortaleza, não coincidentemente, idosos de baixo poder aquisitivo, de tal sorte que acumulam em si representatividade de minorias políticas relegadas à marginalidade, bem como em que reflito sobre a obra de Simone de Beauvoir intitulada “A Velhice”. A princípio, essas duas premissas parecem contradizer-se, contudo, observando o processo histórico-civilizatório brasileiro, percebemos que um país espoliado tanto de seus recursos naturais quanto da força de trabalho do povo em que nele vive pode produzir uma sociedade cuja unidade morfofuncional, a família, forneça cuidados para os mais velhos, permitindo uma vida autônoma na medida em que sua funcionalidade física decaia, e, paralelamente, as condições de desenvolvimento e produção material da vida resultem em idosos condenados ao relento e animalidade, justamente como é descrito por Gawande em passagem que narra sua visita a um asilo na Índia. Brasil e Índia fundamentalmente guardam uma semelhança, economias emergentes abertas ao mercado internacional.

Até onde você quer ir? Onde queres chegar? Apesar de sermos “feitos” para acabar, evitamos pensar nisso, tratamos a morte como tabu, na verdade buscamos meio de “enganá-la”, nos cuidamos não só para ter uma melhor qualidade de vida, mas para vivermos mais. Porém, surge também outra problemática, não aceitamos o envelhecer, ouvimos frases como: “depois dos 30 é ladeira a baixo”, quando pensamos em personagens de filmes, livros, normalmente, é um jovem, sem dificuldades físicas, com anseios, aspirações, objetivos, sonhos, com uma longa jornada, não pensamos na finitude, no encerrar ciclos definitivamente, no fechar das cortinas, no último espetáculo, nos últimos aplausos. E, como antes de sermos profissionais, somos sujeitos, então isso impacta na nossa prática profissional. Achamos que um bom médico é o que “acerta” o diagnóstico e cura, entretanto, precisamos lembrar a prática médica de “Curar Algumas Vezes, Aliviar Quase Sempre, Consolar Sempre”. A medicina vai além dos aparatos tecnológicos, técnicas cirúrgicas, procedimentos, o mais importante

que prolongar a vida, é confortar, cuidar, acalentar.

O livro “Mortais”, aborda, dentre outros temas, a questão da dificuldade da aceitação do envelhecimento. Diante disso, com o aumento da expectativa de vida, assim como com os casos de idosos com disponibilidade atlética, as pessoas sentem dificuldade na aceitação desse processo. Além disso, é comum pensar que os casos de idosos com disponibilidade atlética são uma regra, quando na verdade, são a exceção, infelizmente. Também é observada a dificuldade que os médicos e acadêmicos têm para com a aceitação da morte. Independente do que tenha causado a morte do paciente, seja um erro de processo médico, seja uma causa natural de envelhecimento (quando a quantidade de danificações do corpo humano já é grande demais para ser compatível com a vida), o médico se sente culpado pelo ocorrido.

Os Mortais, ensinou-me muito sobre a brevidade da vida, como não devemos postergar o sofrimento de um paciente em decorrência de uma cultura de

medicina invasiva e robótica. O autor aborda a temática de forma leve e muito realista, utilizando exemplos da sua prática clínica e da sua história de vida. Na história é sempre abordado como a medicina evoluiu em métodos diagnósticos, tecnologias e avanços científicos, mas infelizmente falha na compreensão do envelhecimento e da morte, além de nutrir uma falsa esperança, que muitos profissionais passam aos seus pacientes, não por mal, mas pela sensação de que a morte seria um fracasso na sua profissão, o que falta é a percepção de que a morte é algo natural de todo ser humano. Nesse caso o papel do médico é o de cuidar, porém acima de tudo saber discernir a realidade de cada pessoa e não prolongar seu sofrimento.

Segundo Carlos Drummond de Andrade “Ninguém é igual a ninguém. Todo o ser humano é um estranho ímpar”, cada indivíduo é formado por suas peculiaridades, tem seu próprio temperamento, seus problemas, dentre eles pode estar incluído até mesmo uma doença e eu como uma futura médica devo acolhê-

lo e respeita-lo para construirmos uma saudável relação, livre de preconceitos e julgamentos.

Nós, a medicina e o que importa no final. O livro nos leva a várias reflexões sobre diversos assuntos baseados nas vivências do escritor. Essas experiências nos levam a raciocinar sobre cada tema exposto, como o ato do envelhecimento e sobre a dinâmica do processo natural da senescência em relação a diferentes culturas e em relação ao contexto temporal do mundo. Desse modo, a leitura do livro foi e continua sendo uma experiência enriquecedora, particularmente, contrariando o que eu acreditava que seria. O livro nos faz conhecer e refletir temas não muito expostos na prática médica, mas essenciais para o nosso desenvolvimento profissional.

3.2 Crime e Castigo

Autores: Bruno Cavalcante Fales de Brito Alves, Clarissa Maria Gonçalves Machado, Deborah Costa Moreira Albino, Francisco Emanuel Albuquerque de Souza Junior, Iana Lima Fernandes, Melissa Sousa Campos Nobre

O livro escolhido pelo grupo para a próxima discussão foi Crime e Castigo de Fiódor Dostoiévski. A leitura tem sido muito proveitosa por se tratar de temáticas mais profundas em relação aos personagens com questões morais/éticas, reflexivas, conflitos internos e referências históricas e filosóficas que o autor aborda de uma forma bem forte e marcante. A história se baseia em uma questão pessoal que gira em torno de um assassinato, questão essa inclusive bem atual, que me faz refletir sobre o que o ser humano é capaz de fazer e quais as consequências pessoais e sociais que essas ações refletem psicologicamente e materialmente no indivíduo e na sociedade. Fico feliz em desbravar uma leitura de uma temática diferente das que eu estou acostumada, em que o lado psicológico do livro é abordado de uma forma intensa e envolvente.

O romance “Crime e Castigo” foi publicado em 1866 e escrito pelo russo Dostoiévski. A obra aborda direta ou indiretamente muitos temas do período em que foi escrita, como as ideias do liberalismo, assim como do socialismo, além de Napoleão

Bonaparte. Também procura fazer uma abordagem realista sobre as dificuldades vivenciadas pelas pessoas mais humildes, além de descrever a vida urbana, representada de uma maneira melancólica. A meu ver, é provável que esse romance tenha influenciado de alguma maneira o roteiro do filme *Joker* (2019), visto que estão presentes algumas correlações, como o protagonista almejar algo grandioso, ter baixa condição socioeconômica, viver em uma cidade bastante desigual... e a maneira como esses fatores o influenciaram negativamente. Tais correlações demonstram que, apesar de ter sido lançado no século XIX, os problemas abordados em “Crime e Castigo” ainda estão presentes nos dias de hoje.

A leitura de “crime e castigo” foi densa e real, pois durante vários momentos me identifiquei com os pensamentos e suas falas. Os assuntos abordados são muito presentes no nosso cotidiano. Pois, relativizamos em muitos momentos, já que em nós existem os “dois lados da moeda”, o dualismo, a dicotomia do bem e mal, bom e ruim. E

quando se afirma que as leis são para os ordinários, que os seres extraordinários pisam nas leis, isso me lembrou muito o direito penal pois com os bons advogados, a pena costuma ser atenuada, o próprio código penal é baseado na interpretação, e isso representa uma lacuna enorme para o relativismo. E acredito que muitos de nós passamos a vida atrás de redenção, por termos feito, ou pensado coisas que julgamos ser moralmente inaceitáveis, mas na verdade, na vida não existem heróis, vilões ou extraordinários finais, existe um encontro de vidas, uma história de pessoas reais.

Percebo mesmo que em *Crime e Castigo* Dostoiévski usa do seu método de levar o desenrolar dos acontecimentos a um limite extremo. O crime de Raskolvikóv é o desenvolvimento limítrofe de um pensamento acerca da ética em meio a uma Rússia miserável e a efervescência de ideias transformadoras sobre sua sociedade, em destaque aos criticados por Razumikhin: os socialistas distópicos. O livro, pelo que pude perceber, se debruça bem mais sobre o sujeito do que

sobre o coletivo humano. Muitas vezes julguei os discursos do protagonista e de seu fiel amigo como demasiado digressivos, até mesmo desconexos. Contudo percebo que expressam ora as paixões, ora as angústias, no binômio sociedade-sujeito. Raskolnikóv baseia seu crime em uma tese própria (cujo produto, seu artigo, é discutido no capítulo 5 da parte 3) sobre as histórias das sociedades em que provavelmente ele se considera como um indivíduo extraordinário por natureza e que, em nome de um bem maior, tem suas ações endossadas para esse fim, especialmente o atentado contra a vida. Fica claro o quão narcisista é o protagonista, mas estender essa afirmação para taxá-lo como “um monstro” poderia ser precipitado. Precipitado porque o título da obra sugere a dualidade que se reflete na psique do protagonista. O crime é feito logo no começo do texto e os fatos subsequentes são o suplício pelo qual o protagonista passa por causa desse ato, mesmo na ausência de uma prenda feita por terceiros. As alterações no afeto e no humor de Raskolnikov muitas vezes são atribuídas

a personalidade por outros personagens, mas observa-se que há algo de não percebido por ele dentro de si que o atormenta por ter feito o crime que racionalmente é justificado segundo sua retórica.

O livro retrata história de um jovem que se vê obrigado a largar os estudos devido a sua condição financeira, por isso ele começa a elaborar um plano para assassinar uma senhora daquela região que cobrar por juros altíssimos a todos que ela empresta dinheiro. Então, por meio do seu julgamento faria um bem aquela população ao cometer esse crime, pois era totalmente justificável, porque a usurária era uma má pessoa, talvez, bem baseado em Maquiavel em que “Os fins justificam os meios.”. Porém, no decorrer do livro ele se vê dividido entre o peso na consciência e o orgulho que ele possui.

Concentro-me sobre um trecho que certamente inspirou o filósofo Friedrich Nietzsche a formular o conceito de *Übermensch*. Quando Raskolnikov confessa seu crime a Sônia deixa claro que faz aquilo por si, faz aquilo para provar-se homem e não um “mero piolho”,

isto é, ir além do humano, além do que a moral vigente pode normatizar. Nietzsche fala através de seu personagem Zaratustra, em seu livro Assim Falava Zaratustra, sobre a necessidade de se transcender a moral como estratégia de combate ao niilismo. Uma vez que a ideia de deus se assenta como vazia de forma prática (e isso se revela principalmente na repercussão política disso na época, séc. XIX, com a derrocada das monarquias) inerte perde, então, a premissa fundamental pela qual fora irrefutável: a existência de deus é absoluta e respalda a ética (cristã) que impera. Nietzsche anuncia esse fato social através do aforismo: “Deus está morto”. Argumenta, também, que a moral é uma interpretação errônea da realidade dos fatos cotidianos, mais uma vez pelo aforismo em seu livro Crepúsculo dos Ídolos: “O verme se encolhe ao ser pisado. Com isso, mostra inteligência. Diminui a probabilidade de ser novamente pisado. Na linguagem da Moral: humildade”. Ideias parecidas também rondam a mente de Raskolnikov, a descrença em deus, a moralidade

como empecilho para ser algo além do ordinário. Entretanto, seria precipitado assumir que o *Übermensch* de Nietzsche seria um assassino, ou um genocida como os homens “extraordinários” (com ênfase no exemplo de Napoleão, tão admirado pelo protagonista) descritos por Raskolnikov em seu artigo. Fica claro, de encontro ao que anteriormente escrevi, que Raskolnikov não renega ou abandona o que fez e sustenta a subversão da moral, mas na verdade não se reconhece digno de ter cometido o crime: “E por que meu ato lhes parece tão vil? - dizia de si para si. Por ter sido uma perversidade? O que quer dizer a palavra ‘perversidade’? (...) Claro que, neste caso, até muitos benfeitores da humanidade, que não herdaram mas tomam o poder, deveriam ser executados ao darem os seus primeiros passos. No entanto, aqueles homens aguentaram os seus passos e por isso estavam certos, mas eu não aguentei e, portanto, não tinha o direito de me permitir esse passo.” Percebe-se, também, que Raskolnikov se vale de um aspecto factual de sua teoria dos homens extraordinários, que a história do

ocidente é marcada por barbárie: dominação e assassinato em massa. Isto é bastante nítido pelo colonialismo e essa política de violência mantém-se no séc XIX e XX com Neocolonialismo. A famosa citação do biólogo e filósofo Jean Rostand resume: “Mate uma pessoa e você é um assassino. Mate milhões e você é um conquistador. Mate todos elas e você é um deus”. Nossas vidas como conhecemos são resultado de um amontoado de corpos espezinhados, de uma dominação sistemática que perdura até hoje. Outra passagem do epílogo é aterradora: “Doente, sonhou que o mundo todo parecia condenado ao sacrifício por uma peste terrível, desconhecida e nunca vista, que provinha das profundezas da Ásia para a Europa. Todos tinham de morrer, exceto alguns escolhidos, muito poucos. Apareceram novos parasitas, criaturas microscópicas que se instalavam no corpo das pessoas. Só que tais criaturas eram espíritos, dotados de inteligência e vontade. As pessoas contaminadas por eles se tornavam imediatamente endemoniadas e loucas. Mas nunca, nunca as pessoas se

consideravam tão inteligentes e tão inabaláveis na verdade como ocorria com os infectados.

Esse é um livro que nos remete a uma extrema reflexão acerca do que achamos correto, da moral e bons costumes, das relações interpessoais, sociais, filosóficas e de muitos assuntos, principalmente, psicanalistas... incontáveis, creio eu! Acredito que deve-se ao fato de notabilizar o desespero humano com tantas minúcias. Na época em que o livro foi escrito, século XIX, os literários estavam passando por transformações: estavam saindo do romantismo e entrando no realismo, na segunda década desse mesmo século. O marco do realismo foi devido ao lançamento da obra “Madame Bovary”, contrapondo o romantismo com uma visão materialista e objetiva, o que faz mergulharmos um pouco mais sobre a mentalidade da época. Sendo Dostoiévski um dos precursores desse movimento, sempre atento aos conceitos filosóficos do seu tempo. Ródion Ramanovich Raskolnikov, o personagem principal do livro é um ex-estudante (bastante intelectual), jovem, possui irmãos

e vive em condições de miséria em Pittsburgh. Devido a essas dificuldades financeiras, ele precisou desistir dos estudos, mas, mesmo assim, acreditava ser predestinado a fazer grandes feitos, sendo ele impedido de atingir esse objetivo devido à extrema pobreza.

De acordo com o artigo publicado por Ródion Ramanovich Raskolnikov, o homem extraordinário do qual ele escreveu seria aquele que, pelo imenso valor que possui para a humanidade, tem o direito de passar por cima das leis morais para realizar aquilo que pretende, não estando submetido a leis do Governo que rege o “resto da humanidade”, pois ele estaria acima de todas as leis. Dessa forma ele racionalizou o pensamento para tirar um obstáculo de seu caminho. Ou seja, acreditou que todas as pessoas superiores acabam cometendo assassinatos para atingir os seus objetivos, que, no final, são grandes avanços para a humanidade. A partir disso, Dostoiévski nos conduz a raciocinar uma questão moral: o assassinato de uma pessoa “inferior, sem valor para

a sociedade” seria moralmente errado se o objetivo fosse nobre? Mediante a um planejamento, foi executar a ação. Por uma fatalidade do destino, a irmã caçula da Alyona Ivanovna acabou entrando na cena do crime e, pelo incidente de ser testemunha do assassinato, foi também morta a machadadas. Ao contrário da senhora agiota, que foi um assassinato premeditado, o crime da irmã aconteceu à “sangue quente”, sem qualquer planejamento, ou seja, um assassinato fora de controle, tornando-se responsável por dois homicídios. Ao longo das extensas páginas do romance vemos o personagem principal tendo que lidar com a culpa dos assassinatos cometidos e precisando justificar para si mesmo as escolhas de assassinatos, ficando evidente a urgência do personagem de esconder o seu duplo crime dele mesmo e de outrens. O romance literário abre espaço para um verdadeiro levantamento profundo de questões filosóficas, morais e sociais que cercam um crime. Afinal, todo crime merece um castigo?

Raskólnikov: motivado a

alcançar o objetivo maior (se livrar da senhora agiota), fez reflexões questionando-se a respeito de uma ideia que ele teve...”se Napoleão matou milhares e foi absolvido pela história, por que eu também não seria se matasse a velha que vivia de juros? Não estaria ele fazendo um bem à humanidade?” Essa pergunta pode até refletir o pensamento do próprio escritor, Dostoiévski, para quem as ideias moviam os homens, e não os homens realizavam as ideias. Mas enfim, voltando a refletir sobre o livro... Raskólnikov não contava com um fato: matar milhares em nome da humanidade talvez seria mais fácil do que matar um único ser humano, quiçá dois... Outro aspecto psicológico do assassino entra em cena que é o desejo de ser punido, pois relamente achava que deveria ser, mas, no momento em que ele vai ser interrogado pelo juiz, Porfiri Pietróvitch, este parecia desconfiar que àquele era o autor do crime. Surge, então, na mente de Raskólnikov, o sentimento de grandeza e, digamos, um certo

prazer, pois se alegra com o fato de estar desbancando o juiz, acreditando ser o mais esperto, pelo menos no primeiro instante. Depois de longos interrogatórios ele percebe que estava perdendo o controle. Eis que o personagem encontra Sônia, uma prostituta, pela qual se apaixona e sente o amor pela primeira vez na vida. Sônia representa no romance a fé ortodoxa e a possibilidade de redenção. Raskólnikov, que era um niilista, encontra uma luz durante um diálogo com Sônia no qual a faz ler uma passagem do Evangelho. A passagem é do Evangelho de São João que narra a ressurreição de Lázaro. Parece que a partir desse momento Raskólnikov ressurgiu do mundo de fantasia, de culpa, de solidão e de niilismo em que habitava. Mais adiante ele confessa para Sônia que foi o autor do crime. Ela diz para ele confessar. Depois de muitos diálogos em que sua psique foi quase reduzida a nada pelo juiz, Raskólnikov confessa o crime. Ele é enfim condenado.

3.3 De prosa a poesia

Prosa de terror - Arrepio

Autor: Gabriel Bezerra

Castaldelli

A noite estava macabra. As nuvens eram fuligem e encortinavam boa parte da lua. Os poucos raios pálidos que escapavam dessa barreira davam um aspecto fantasmagórico a tudo que banhavam. As ruas da cidade estavam desertas—ou quase. Um carro desavisado aguardava estupidamente o semáforo dar o sinal para seguir em frente.

Uma jovem conduzia o veículo. Tinha a pele clara e os traços delicados. As bochechas macias e sardentas eram quase tão rubras quanto o semáforo que a fazia ficar parada no cruzamento vazio. Os seus cabelos chamuscavam o ar com tons alaranjados de ruivo que desciam até o meio das suas escápulas. O vento atravessava os vidros abertos do carro e fazia as madeixas da garota ondularem como chama. Elas contrastavam vivamente com a atmosfera fúnebre daquela noite e a brisa gélida que as movimentavam e as tentavam apagar.

Distraía-se com os cacarecos

da sua bolsa: pó, batom, rímel. Com eles, ia cimentando as olheiras e as pequenas rugas que surgiram em seu rosto após o longo dia extenuante. Preenchia com tenacidade as lacunas que maculavam sua jovialidade. Pensava na vida e em nada mais.

Foi com surpresa que a motorista se tocou de uma nova companhia. Um carro havia se colocado silenciosamente à sua direita. Trazia os vidros escuros fechados e não tinha nada de especial—só o tom azulado da lataria que se misturava ao ambiente etéreo em que estavam. O semáforo continuava vermelho. A jovem observava apenas com os cantos dos olhos aquela nova presença. Os ouvidos dela se tamparam com o palpitar surdo do seu coração assustado. O vidro do outro motorista descia.

Não compreendia a sua reação. Queria escapar. Começava a sentir os membros enrijecerem. Quando o semáforo ficaria verde? Já estava entreaberto o interior daquele veículo agourento. A garota porém nada via. Estava cega de medo e paralisou por um instante. Ficou sem ação.

Quando a sua vista começou

a desembajar, o vidro já estava aberto—

Só se via uma cabeleira desgrenhada. Um amontoado de fios escuros apagados, entrelaçados uns entre os outros, formando uma névoa volumosa sobre um crânio misterioso. Não se via nada do rosto dessa figura. Seria homem ou mulher? Logo a garota descobriria, uma vez que aquela montanha de fios passara se virar em sua direção.

Não havia vida naquele semblante! O sangue certamente se esvaíra dali há muito tempo. Era uma ruína espectral e emaciada do que um dia fora uma mulher. Os zigomáticos proeminentes rasgavam as maçãs apodrecidas daquele rosto. Cicatrizes profundas serpenteavam como chicote a testa e os lábios. Íris opacas penetravam o olhar arregalado da jovem ruiva que agora havia perdido sua cor.

A garota chutou o acelerador. Fugiu sem perceber que o verde já estava quase dando lugar ao amarelo no semáforo. Dava curvas bruscas, entremeava-se em ruelas perigosamente estreitas, corria sem o menor cuidado. Só queria despistar a

criatura que havia encontrado. Suor encharcava toda a sua pele: o volante deslizava entre as suas palmas, os pés dançavam sobre as palmilhas das suas sapatilhas, a maquiagem inacabada borrava monstruosamente sua cara contorcida de pavor.

Não sabia que direção havia tomado. Decidiu parar quando finalmente encontrou um local onde pudesse ser amparada. Estava louca para encontrar alguém para socorrê-la. Estacionou no meio do tempo, em frente a uma construção gigantesca. Era um armazém parcamente iluminado onde ela julgara ter notado alguns vultos se movimentarem. Como ela se arrependeu de ter chegado ali: os vultos eram reais, mas tão inumanos quanto a mulher que havia encontrado no malfadado cruzamento—todos mortos e deformados. Estava cercada de aberrações monstruosas.

O terror agora havia terminado de consumir o seu corpo. Sentia-se ela também um cadáver. As vísceras do seu ventre pareciam ter sido cruelmente arrancadas. O seu peito parecia não se movimentar mais—o

coração desistira de bater e os pulmões se esvaziaram. Sua cabeça era um completo vazio, não compreendia como ainda estava consciente. Era inimaginável como algo ainda poderia piorar—

Até que reconheceu em meio aqueles seres sinistros o rosto da mulher fantasma.

Tinha sido encontrada, capturada, encurralada.

Sentiu a monstra se aproximar da janela do seu carro, mas estava sem forças para esboçar qualquer reação.

Os lábios da criatura vibraram enfim.

“Que alegria ver você aqui na festa. Obrigado por me ajudar a encontrar o caminho. Foi difícil te seguir. Você dirige muito rápido. Credo! Gostei muito da sua maquiagem. Ficou melhor que a minha.”

Era noite das bruxas.

Fortaleza, 31 de outubro de 2019.

Crônica em autoficção:

Uma aula

*Autor: Bruno Cavalcante Fales
de Brito Alves*

O sol desliza retilíneo, entre

as frestas, através do vidro, vindo da janela, acertando meu rosto. Desperto ofuscado e com uma dor de cabeça desgraçada. Não dormi que prestasse na noite anterior. Dormir, para mim, às vezes é mesmo como ficar parado e não pensar em coisa alguma: é justo aí que se pensa em tudo. Ou pelo menos o “tudo” que atravessa o nosso viver. Levanto e estou atrasado para a aula. Pelo menos para chegar a ela não há tanta distância. Dois passos e estou sentado em frente a tela. Agora assistimos aulas por telas, vozes robóticas e projeções de slides nos ensinam. Faço meu login na sala virtual, quase não me aguento de tanta dor de cabeça.

A professora diz - “Então, agora sim podemos começar nossa aula. Mas me contem aí! Como está sendo o EaD pra vocês?”

Um colega, depois de uma desconfortável dúzias de segundos, diz - “Está sendo ótimo, professora. Tô conseguindo acompanhar bem. Tem um pessoal reclamando aí, mas eu não entendo não, porque tenho até mais tempo pra anotar. Ainda mais que tô em casa, daí tô bem tran...”

A voz é entrecortada pelo silêncio. Mensagens de texto saltitam na tela e latejam nos meus olhos: "Tô ouvindo nada, galera", "Serasse travou?", "Travou aí pra vocês? Pq aqui não sai som", "Acho que travou"

A professora tenta retomar - "Pessoal, vamos começar logo que a gente já atrasou e..." Novamente o silêncio. As mensagens novamente começam a pular freneticamente, agora irascíveis, ou melhor, pistolas, mas muito brevemente. O servidor caiu. Volto para cama e tento recuperar o sono perdido.

Poema - Sono perdido

*Autor: Bruno Cavalcante Fales
de Brito Alves*

Quatro da manhã
Entre ambas orelhas
Rebelde assembléia
Dialética afã
Aflição vermelha
Uma viral epopéia
Pilhas deles morrem
Que vulgar desordem
Quanto cada custa
De usura injusta?
Não guarde memória
De visão simplória
Do presente drama
A ética nos clama!
Presume inocência?
Sem reminiscência

4

AQUARELA

Autores: Bruno Cavalcante Fales de Brito Alves, Clarissa Maria Gonçalves Machado, Deborah Costa Moreira Albino, Francisco Davi Fernandes Brilhante, Francisco Emanuel Albuquerque de Souza Junior, Iana Lima Fernandes, Melissa Sousa Campos Nobre

Será que todos nós temos algo de médico, de louco, e também de pintor? Em meio a essa dúvida, o grupo ELAM decidiu aceitar o desafio que culminou com a essência dessa antologia. Durante uma reunião, próximo ao lockdown da primeira onda, em meio a pincéis, tintas de aquarela e telas em branco, deu-se início a produção artística e literária do grupo. Assim como Prometeu trouxe o fogo a humanidade, a inspiração para essa produção se fez presente. Os alunos dividiram material e ideias para a produção após um breve tutorial de pintura em aquarela. E o resultado foi o brilhante trabalho aqui apresentado. A seguir podemos ver relatos dessa experiência, que acima de tudo foi transformadora.

“A ideia seria produzir um texto que serviria de embasamento para a criação de uma pintura em aquarela. Na ocasião, fiz uso do poema que produzi inspirado na leitura de *Mortais*, Atul Gawande. A princípio, professora nos fez uma explanação sobre como começar a pintar, sugestões de elementos a serem postos do quadro e técnicas que poderiam ser usadas durante o trabalho. Foi

uma experiência bastante criativa para mim. Durante a confecção do meu quadro tentei executar uma ideia pronta, delinear com o lápis as formas que queria, e, então, preencher com a tinta, tal qual se faria um desenho que depois é colorido. Percebi logo no começo que isso não traria as ideias e sentimentos que exprimi nos versos do meu texto. Assim, decidi pela liberdade em uma execução sem racionalização do processo para depois atribuir sentido aos movimentos do pincel e suas formas consequentes. Acredito que foi a melhor maneira de engendrar os ícones em intertexto com o poema. Sei que não é de bom tom o autor explicar sua obra, porque os significados que uma imagética pode trazer são também particulares a cada observador que a aprecia. Contudo, uma vez que além de mim só a professora Melissa lerá esse texto, sinto-me a vontade para dissertar a respeito da imagem que produzi. Comecei pelo topo usando as cores amarelo e vermelho, misturando-as para obter uma cor laranja quente, embora não uniforme, com nuances mais amarelo ou mais vermelho. Seria um céu

da alvorada ou do crepúsculo, marcando o tempo que é presente no poema. Nas laterais do andar

inferior há a mistura de verde e preto, sobrepostas em branco por galhos, raízes, linhas tortuosas.

Foto 9 – Alunos do ELAM em atividade de pintura em Aquarela (1)



Esses eleitos seriam dois montes com as veredas em branco da vida. Ao meio há um jorro, uma explosão, de tinta preta disforme, simbolizando a morte.

“Foi bom agrupar, poder ir além das palavras, poder se expressar por habilidades manuais. E as artes plásticas permitem isso, deixar as emoções, sensações transbordarem, sem ter que procurar as palavras mais adequadas, sem precisar

organizar o discurso de uma maneira que seja compreensível, buscando comunicar-se. Nas artes plásticas nós nos expressamos, sem racionalizar tanto, buscamos exprimir apenas. E nesse encontro as nossas obras foram um tanto coletivas, pois a cada traço que colocávamos na tela, alguém próximo comentava, sugeria algo, pedíamos a opinião do outro, buscávamos o outro, fazíamos e aceitávamos intervenções.

Então foi um momento de troca de olhares, saberes, vivências, histórias, foi um encontro realmente, de anseios, de sonhos, estávamos todos ali, inteiros, intensos, naquele momento. Muito diferente de uma palestra onde muitos ficam em seus

smartphones, ou mergulhados em si, em pensamentos. No que se refere a minha aquarela em si, me faltou habilidade para concretizar o que imaginei, pois conforme a minha leitura do livro, quis fazer um sujeito assombrado pelos seus atos, que caminha

Foto 10 – Alunos do ELAM em atividade de pintura em Aquarela (2)



tentando “equilibrar cérebro e coração”, que busca racionalizar, porém a emoção, a impulsividade o impede, vive em um eterno dilema ético, moral, que o tortura diariamente, principalmente ao entardecer, quando a escuridão da noite o invade. É o início do fim de

cada dia.’

“Apesar de nunca ter tido muita prática com pintura (e fazer vários anos que eu não chego a pintar algo de fato), acredito que meu desempenho foi algo aceitável. Confesso que estava hesitante no início, quando não

estava conseguindo fazer a devida combinação de cores para o pôr-do-sol, mas após algumas horas tentando, o resultado final foi melhor do que imaginei! Desde

que era criança e percebi a dificuldade de fazer uma pintura (de qualidade!), nunca pensei que fosse conseguir fazer uma pintura tão boa como essa que

Foto 11 – Alunos do ELAM em atividade de pintura em Aquarela (3)



eu fiz no encontro! Sem dúvida, esse foi o melhor encontro do ELAM! Foi terapêutico realizar essa pintura sem medo de errar e sem pressa para terminar, assim como a oportunidade de fazer algo novo! De fato, a Arte nos permite desestressar, seja pela pintura, música, atuação... Esse encontro ficará marcado em nossas memórias!!!”

“Para mim em especial, foi o melhor encontro do elam, nos serviu como uma terapia em meio a nossa rotina tão agitada.

A gratidão de poder refletir sobre essas coisas que nos fazem bem e que devemos trazê-las para o nosso dia a dia é um dos principais benefícios do Elam. Poder realizar práticas que muitas vezes achamos não ter nada a ver com a medicina, mas que na verdade tem total relação. O quadro que pintei foi um retrato dessa realidade, que em meio ao caos da rotina que traçamos, podemos fugir um pouco e refletir se estamos fazendo da maneira correta. Demonstrando que paz

Foto 12 – Alunos do ELAM em atividade de pintura em Aquarela (4)



e bem-estar emocional sempre devem ser o primordial, para que você possa estar bem consigo e poder transparecer esse bem ao próximo. Ter empatia e se doar ao seu paciente é o que precisamos para exercer uma profissão tão bela e que me faz a cada dia ser mais apaixonada e me motiva sempre a ser uma pessoa melhor. Fico muito grata ao Elam por me proporcionar essas experiências tão engrandecedoras à nos alunos.”

“O quadro que pintei representa de forma muito íntima a relação da humanidade com o caos e calma. O que para mim é representado pelo meio ambiente em geral, em que apenas o ser humano aprisiona o que é vivo e mata o que pode ser vivido.

Foto 13 – Alunos do ELAM em atividade de pintura em Aquarela (5)

O conceito “Fugere urbem”, bem explorado no arcadismo, é uma das referências ao qual me apeguei. A arte diz o indizível; exprime o inexprimível, traduz o intraduzível é isso o que Leonardo da Vinci diz sobre essa forma de expressão do ser humano. E ela, a arte, pode ser uma música, um texto em prosa ou verso e até mesmo por meio de uma pintura, em que a partir daquela tela, que possui um tamanho limitado é possível expressar diversas emoções e sentimentos, da alegria a dor. E foi, exatamente, isso o que desenvolvemos no último encontro do ELAM, em que a Dra. Melissa nos mostrou um pouco das pinturas em aquarelas, o quanto por meio da imaginação é possível criar tantas coisas,



foi uma aula bem diferente, que cada aluno pode pintar algo que se relacionasse ao seu texto. Pra mim, essa experiência foi única, pois pude lembrar-me da infância, em que pintei uma tela para minha avó, que até hoje está em sua casa exposta com muito orgulho. Enfim, isso que é a arte ela une pessoas, une gerações porque o seu principal objetivo é ligá-las por meio dos sentimentos, das ideias e das crenças.”

“A importância da arte e seu papel no desenvolvimento da criatividade, da expressão das emoções, das habilidades sensíveis é inegável. A arte como fundamento para a aprendizagem de todo e qualquer conhecimento se faz de suma importância. “A beleza e a feiúra do mundo, a realidade e o sonho, fazem parte da arte. A obra artística, enquanto objeto produzido pelo homem, revela o próprio homem - quem ele é e o que pretende ser, aquilo que faz e o que pretende fazer, aquilo de que gosta e o que lhe desgosta, o que lhe dá prazer e o que causa dor. O subjetivo torna-se objeto e o objeto remete ao sujeito. Todo produto da atividade humana revela o seu criador: o

homem. Desde as máquinas e as construções arquitetônicas mais sofisticadas, às elaborações artesanais mais simples como um agasalho de *tricot* ou um “pão feito em casa”. Esta capacidade de humanizar tudo o que toca, criando formas cada vez mais avançadas de atender às suas necessidades, tem como resultado, além da finalidade utilitária do produto, a satisfação da realização, da conquista sobre o que já era dado. A conquista do objeto útil gera a criação da beleza: não é só uma máquina mas é uma forma bela, não é só uma construção mas é uma bela casa, não é só um agasalho mas é uma bela blusa, não é só um pão mas é o pão que eu fiz. É uma beleza! Esta possibilidade de realização e conquista da beleza se descola do objeto útil (que nos leva, por exemplo, a escolher os utensílios domésticos e as nossas roupas pela sua beleza), e leva à produção de objetos que se diferenciam dos demais por ultrapassar os limites da utilidade imediata e ter como função específica a manifestação do próprio homem, de sua potencialidade. Esta qualidade da criação humana permite, então,

Foto 14 – Pinturas do ELAM expostas para secar.



quando esgotado o valor utilitário de um objeto, a permanência do seu valor estético. O que nos leva a admirar aquilo que chamamos hoje de antigüidades - uma velha máquina de costura, um lampião a gás, ou uma pirâmide do Egito.” ”A pintura refere-se genericamente à técnica de aplicar pigmento em forma líquida a uma superfície, a fim de colori-la, atribuindo-lhe matizes, tons e texturas. Em um sentido mais específico, é a arte de pintar uma superfície, tais como papel, tela, ou uma parede (pintura mural ou de afrescos). A pintura a óleo é considerada por

muitos como um dos suportes artísticos tradicionais mais importantes; muitas das obras de arte mais importantes do mundo, tais como a Mona Lisa, são pinturas a óleo. Diferencia-se do desenho pelo uso dos pigmentos líquidos e do uso constante da cor, enquanto aquele apropria-se principalmente de materiais secos. No entanto, há controvérsias sobre essa definição de pintura. Com a variedade de experiências entre diferentes meios e o uso da tecnologia digital, a idéia de que pintura não precisa se limitar à aplicação do “pigmento em forma

líquida”. Atualmente o conceito de pintura pode ser ampliado para a representação visual através das cores. Mesmo assim, a definição tradicional de pintura não deve ser ignorada. O elemento fundamental da pintura é a cor. A relação formal entre as massas coloridas

presentes em uma obra constitui sua estrutura fundamental, guiando o olhar do espectador e propondo-lhe sensações de calor, frio, profundidade, sombra, entre outros. Estas relações estão implícitas na maior parte das obras da História da Arte e sua

Foto 15 – Alunos do ELAM e professores em atividade de pintura em Aquarela



explicitação foi uma bandeira dos pintores abstratos. A cor é considerada por muitos como a base da imagem. As pinturas mais antigas conhecidas são denominadas de arte rupestre. Elas foram desenhadas por diversos povos da antiguidade e geralmente eram feitas nas paredes das cavernas. Nesse sentido, importante destacar a

necessidade do homem primitivo de exteriorizar seu mundo.”

“Oportunidade essa muito bem aproveitada por todos os alunos, os quais elaboraram obras de artes significantes, visto que muitos de nós não possuíamos o contato com esse tipo de arte desde o primário. Eu, optei por desenhar um lindo cenário noturno, sob um céu estrelado,

o qual mostrava um cinturão de montanhas e, em sua orla, uma lagoa virgem, transparente, limpa, que aos poucos se unia com o mar e adquiria tonalidades mais escuras. Com essa obra, meu objetivo foi, de certo modo, tentar desenhar um ambiente de tranquilidade, de paz, em meio a movimentação que o mar representava, o qual teria como significado o nosso dia-a-dia, além disso, tentei mostrar, usando a lua cheia e o céu estrelado, que mesmo diante das ondas, da tempestade que nossas vidas possam se encontrar, há sempre coisas boas e belas que podem e precisam ser lembradas e admiradas, para que

possamos entender que mesmo diante a uma noite escura, o céu estrelado iluminará nossa visão. Ademais, utilizei-me do cinturão de montanhas para tentar representar um porto seguro, pois essas montanhas no meio do mar, separavam o mar de uma piscina natural, a qual representaria todas as coisas boas que importam na sua vida deveriam ficar: protegidas das tempestades. Desse modo, foi notável a imensa adesão, não só minha, mas de diversos outros alunos que, mesmo atarefados pelos afazerem da faculdade, encontraram tempo para realizar esse exercício, muitas vezes, raro em nossa vida.”

5

**A PANDEMIA PELA
COVID-19**

Imensuráveis serão os danos deixados pela pandemia causada pela *coronavirus disease* 2019 (Covid-19) no mundo. Um capítulo da história da humanidade em andamento, em que novamente a população mais vulnerável se torna a maior vítima. As pessoas

com maior risco de infecção por coronavírus geralmente vivem na interseção de múltiplas formas de vulnerabilidade e instabilidade estrutural, em situações precárias que se equilibram entre doenças crônicas, desafios de saúde mental, racismo, pobreza, uso de

Figura 2 – Elaborada pela autora da arte Iana Lima Fernandes



substâncias e traumas.

Alguns artistas plásticos surgiram no grupo com produções que retratavam as experiências deles. A Figura 2 reflete a visão de uma aluna do ELAM sobre o Mundo diante de tantas mudanças trazidas pela Covid-19. Onde independente de

nacionalidade todos vivenciamos as tragédias que nos uniram na busca de uma salvação. O mundo definitivamente sofreu mudanças que possivelmente deixarão sequelas definitivas nos corações daqueles que vivenciaram perdas nas suas famílias e perdas durante o exercício da sua profissão.

Mas algumas mudanças trarão novas perspectivas em educação e no exercício da ciência. Toda tecnologia e conhecimento adquiridos no último século foram submetidos a uma prova terrível de sobrevivência. Nada mais belo do que expressar através da arte visual o que as palavras não são suficientes para suprir.

Reflexões da autora sobre o seu momento de criação:

“Realizei a confecção de uma colagem com os aspectos que mais me marcaram durante a pandemia e as características que demonstram como está sendo o isolamento social para mim. A colagem foi voltada para um lado mais otimista em relação ao isolamento, demonstrando proteção ao próximo, o benefício do distanciamento e a esperança que ainda temos em mãos. Outro tema que representei na colagem foi como tem sido meu dia a dia e como sou grata por viver e pela saúde da minha família e das pessoas que amo. Tem sido tempos difíceis para todos, em especial para os profissionais de saúde que estão todos os dias na linha de frente na batalha contra o coronavírus. Vejo diariamente

essa luta de perto, realizada pela minha mãe que é fisioterapeuta e foi convocada para essa árdua batalha. Sinto na sua pele e nos seus esforços que não será fácil, e que a esperança permanece forte. A cada dia me inspiro mais e mais nos profissionais que levam essa carga nas costas. Espero que futuramente eu me torne também um exemplo desses para alguém. A produção artística da colagem que fiz me fez refletir muito sobre o caos que estamos vivendo, e a cada dia me agarro mais na esperança de que tempos melhores virão.”

A Figura 3, segundo a autora Deborah Costa Moreira Albino, é a reprodução da curva de infecção pelo coronavírus, em que a população espera a queda dela para que o ser encolhido no canto esquerdo possa se liberar da opressão causada pela pandemia. Na subida da curva, há as imagens que marcaram a mortalidade na Itália e chocaram o mundo. A autora descreve seu processo de criação:

“Dessa vez vou falar sobre o em processo de construção do meu trabalho sobre a pandemia, que mudou a cada dia, pois estamos

Figura 3 – Curva da epidemia pela Covid-19 e mortalidade



Fonte: Elaborada pela autora da arte Deborah Costa Moreira Albino

em uma nova fase, estamos vivenciando a normalização das mortes, do coronavírus, pois apesar de o Brasil ser o único país com mais de mil mortes diárias, as praias já estão lotadas, os bares também. Então realizei a primeira expressão artística sobre os meus dias iniciais de quarentena e decidi fazer uma nova obra, mostrando esse processo de normalização das mortes, onde aparentemente os números não causam mais tanto impacto como no início, como foi a imagem dos caminhões transportando caixões na Itália. Me pergunto constantemente

se estamos vivendo a mesma pandemia? Pois eu continuo em casa, alguns dias mais esperançosa com as notícias sobre as possíveis vacinas e muitas vezes cansada, deprimida, moro com pessoas de grupo de risco, então meus cuidados são redobrados. Está difícil para todos, não tem ninguém com a saúde mental em dia, mas algumas pessoas ainda fazem o que tem que ser feito, não somente o que querem fazer. Temos que pensar em alternativas para que sejamos menos individualistas e mais coletivos, porque além da pandemia do

covid-19 nós já vivíamos a epidemia do individualismo, do imediatismo, e temos que romper essa retroalimentação.

“A arte na minha vida como estudante de medicina” A arte na minha vida representa diferentes formas que tenho de acessar meus processos internos, meu inconsciente, de me escutar, visto que na faculdade de medicina é ensinada a questão da escuta qualificada, focada no outro. Nesse processo é preciso silenciar o que sentimos como preconceitos, com o intuito de desenvolver nossas habilidades de escuta, de comunicação. Habilidade primordial, que fortalece o vínculo médico/paciente, ainda mais que, no mundo atual, somos bombardeados por informações, e às vezes, para manter nossa saúde mental, nos tornamos, por muitas vezes apáticos, silenciando alguns estímulos. Nesse sentido, é fundamental aprender, desenvolver, treinar a escuta. Mas para isso é preciso aprender a escutar a si mesmo também, se transformar como indivíduo, já que antes de sermos médicos, somos sujeitos e precisamos nos cuidar, visto que o que não se

exprime, explode. Não tem como dissociar essa formação conjunta. A arte é um instrumento eficaz nesse processo, além de um recurso terapêutico milenar. A arte na minha vida sempre teve um papel importante, configurando formas de sentir, retomar a consciência, de me perceber, uma forma de conexão, uma maneira de visitar e exprimir desejos, anseios, memórias, e cada arte diferente, me proporciona diferentes maneiras de fazer isso. Pratico especialmente as artes plásticas, elas permitem ir além das palavras, deixando transbordar, transformar/interagir com objetos, materiais, ambientes, a arte como meio e próprio fim, expressando um sentimento, ideia, o que se é, com entrega, ao finalizar sinto que silencie as dores, tenho um momento de paz, êxtase, de transformação, de crescimento. E dessa forma, me conheço, identifico pontos a melhorar, me torno um instrumento melhor de escuta, porque passo a reconhecer o que é meu, o que é do outro, aprendendo assim a ser mais atenta e desenvolver a arte da escuta.”

A Figura 4 evidencia,

Figura 4 – Corredor de telas de computador e celulares com notícias do mundo e das pessoas que permitem o contato com o mundo dentro da quarentena



segundo a autora Deborah Costa Moreira Albino, a vida por trás das telas de celulares e computadores, que passaram a ser o contato com o mundo externo. De um lado, as notícias sobre os casos de Covid-19, as incertezas e a preocupação com a proteção individual, e, do outro, em cores, os familiares e amigos que ajudam as pessoas a atravessar este momento de caos e medo.

Alguns alunos descreveram seus sentimentos e reflexões sobre o momento da pandemia:

“Vou fazer um relato de como tenho me sentido, de como tem sido a pandemia p mim, pois

para quem está trabalhando, acredito que seja um esgotamento, seja uma exaustão diferente, são os que estão fazendo a diferença e mantendo a vida, dando esperanças e buscando alternativas. Porem pra quem está sozinho em casa, é um cansaço diferente, é como se os vínculos fossem cortados, perdidos, como se tivéssemos perdido a conexão com o externo, com a gente mesmo até, não lembro como era, os sentimentos mudaram, me tornei outra pessoa que ainda não conheço, e sinceramente, nem sei se quero conhecer, parece que está

tudo parado para quando a vida voltar. Porém essa já é a vida... a nova vida... Hoje eu acordei sem saber exatamente onde estava, que horas eram, qual o dia da semana. Os efeitos do isolamento estão afetando mais intensamente nos últimos dias, principalmente depois que a covid-19 ganhou rosto p mim, é sempre difícil lidar com a perda, ainda mais quando não se pode vivenciar o luto, se despedindo. Toda essa pandemia tem nos lembrado todos os dias da que não estamos no controle da vida, nos mostrou fortemente nossa fragilidade física e emocional. Eu tendo a manter uma rotina, ser produtiva, porém já esgotei, nem mesmo a arte tem estado presente em minha vida. No início era o que me mantinha conectada, viva, contudo agora nada de filmes, séries, música, livros. Admiro os que tem um nível de tolerância maior, resiliência, mas eu continuo aqui, em meu quarto, no escuro, oscilando entre surtos e tristezas, olhando o mundo pela minha janela, sem saber exatamente quem eu sou.”

O texto a seguir foi escrito pela aluna Bárbara Chaves durante

o período de quarentena e aulas on-line, trazendo a sensibilidade da sua visão nesse momento tão delicado emocionalmente.

VIVER A PANDEMIA

Acordo todos os dias com os mesmos pensamentos: “Isso tudo está realmente acontecendo? Essa Pandemia é real? Como as pessoas conseguem ser tão individualistas na situação que vivemos?”, mas a única coisa que consigo falar é “Obrigada, Deus, por mais um dia de vida, e por toda minha família estar bem!

Já são quase cinco meses de Pandemia aqui no Brasil. Tenho que admitir, que para mim algumas coisas mudaram, entretanto o medo de ver as redes sociais e saber que número de casos e de morte aumentaram continua, isso me aterroriza, paralisa!

Hoje, várias pessoas já estão vivendo “normal”, como isso é possível? Vejo todos viajando, passeando, muitas vezes sem os devidos cuidados, não paro de pensar: “Até onde vai o egoísmo do ser humano? Até onde eles acham que vai a liberdade? Ainda tem

milhares de pessoas morrendo no mundo!”.

Esses meses não tem sido fáceis para mim, voltar aos hospitais foi o mais difícil. Não pelo medo de me contaminar, mas sim ter a possibilidade de contaminar minha família. Sem contar com todos os outros problemas que vieram com a pandemia ou só pudemos vê-los devido a ela. A ansiedade e o medo me dominam diversas vezes.

Às vezes sinto que o tempo está passando e estamos ficando meio parados, nem retrocedendo nem avançando, como se toda essa situação tivesse o objetivo de nos fazer refletir... paro e vejo que problemas que teoricamente já deveriam ter sido solucionados há séculos ainda persistem em nosso meio. Cada dia fico mais aflita, pois não consigo compreender a atitude das pessoas, tanto ódio, egoísmo, sentimentos ruins... onde as pessoas querem chegar dessa forma? Às vezes acho que minha mente que é limitada, mas realmente não consigo entender

por que as pessoas tem tantos sentimentos ruins, como tudo foi ficar desse jeito? Talvez seja ingenuidade da minha parte pensar que todos podem sentir amor e bons sentimentos.

Entretanto, minha fé na mudança e na possibilidade de um mundo melhor, me fazem continuar vivendo, agradecendo as pequenas coisas do dia a dia, seja uma vídeo-chamada com a família, seja a notícia de uma nova vida. Assim vou fortalecendo meus dias, renovando meu ânimo e acreditando no amanhã. Continuo rezando, com o sentimento de que minhas preces de um mundo melhor se concretizem, um mundo onde todos se respeitam, não existam sentimentos ruins e possamos viver em paz! Que essa Pandemia possa nos fazer refletir sobre o que somos, ou éramos, e o que queremos ser para o mundo daqui pra frente!

**Autoria: Bárbara Chaves
Alves de Oliveira.**

6

DEVANEIOS FINAIS

Ao fim da nossa primeira aventura no mundo das artes, que esta seja apenas como o fogo de prometeu, que traga iluminação a sensibilidade, racionalidade, empatia e resiliência dos nossos estudantes. Que momentos como este, mesmo que breves, tragam reminiscências e inspirações para a sua jornada na arte da medicina, que apenas se inicia. Trago devaneios e depoimentos como nossa última mensagem ao leitor.

A cerimônia de abertura do projeto ELAM satisfaz bastante minhas expectativas quando fui noticiado sobre as inscrições do projeto.

Logo me alegrei que algo com ideia análoga estivesse engendrando-se na minha faculdade, afinal agora poderia construir também essas respostas junto com colegas de convívio cotidiano e que não tem contato curricular com as habilidades de comunicação e alargamento do campo subjetivo que, a meu ver, é tão necessário no fazer medicina. Senti tanto contentamento nas apresentações iniciais que delineavam o projeto (até mesmo

porque, sobretudo, professoras Raquel, Dulce e Melissa são de meu grande apreço e admiração), mostrando como a inserção das artes é uma tendência mundial e não tão recente nos currículos de medicina. Aquilo foi uma confirmação formal da crença que eu tinha cá com alguns colegas: A(O) médica(o) necessita realmente dominar habilidades que vão para além da biomedicina e debruçar-se sobre questões que extrapolam os problemas que ela(e) pode objetivamente resolver.

Mas aqui amplo para toda e qualquer atividade que aflora as potencialidades do que se pode ser, seja o conhece-te a ti mesmo, seja o torna-te a ti mesmo. O que quero dizer: desejava que todos os meus colegas tivessem o mesmo tesão que tive, por isso publico o que escrevo, por isso proponho, por isso me disponho... Provavelmente preciso aprender ainda como contagiar esse alumbramento que tenho, isto é, comunicar-me de tal maneira a encantar corações a certas ideias.

*Bruno Cavalcante Fales de Brito
Alves*

O fechamento da primeira edição do projeto de Estudos de Literatura e Arte na Medicina tinha como proposta um documentário por meio de vídeos enviados pelos membros, entretanto com a pandemia, a disponibilidade destes e dos orientadores ficou prejudicada, porém ainda há esperanças na compilação dos textos e pinturas realizada nas atividades prévias na forma de um ebook. A Dra Melissa sugeriu que fosse feito um texto de conclusão na temática: “A arte na minha vida como estudante de medicina” no qual deveria ser encaminhado para seu e-mail, visto que ao anexar os textos pela plataforma do unipex esses ao salvar são cortados, perdendo-se assim a produção literária. Sobre esse tema, acredito ser extremamente relevante, pois aborda objetivo principal do projeto que é o impacto da arte na nossa profissão e que estes dois temas, apesar de distintos podem coexistir em um mesmo ser de formas sinérgicas. Enfim, agradeço a todos a oportunidade de participar do ELAM, o qual, na medida do possível, do momento atual, foi muito produtivo na exploração das diversas áreas

socioculturais que vão além da medicina.

Raoul Costa Praciano Sampaio

Ao final do projeto levo comigo uma experiência única e gratificante que, com certeza, influenciará a minha formação acadêmica e o meu modo de ver a medicina. Existem vários estudos que tentam mostrar que a introdução da arte na vida acadêmica dos estudantes de medicina, proporciona uma melhor experiência para esses profissionais, de modo que, aqueles que introduziram essa prática na sua rotina, tiveram mais sensibilidade ao lidar com os pacientes. Além disso, os alunos que têm nas artes uma “válvula de escape” terminam o curso com uma melhor estrutura psicológica e emocional, evitando assim problemas como transtornos ansiosos, depressivos e Burnout. Percebo que na Unichristus é cada vez maior o número de alunos convivendo com esses problemas, e estimular projetos como esse e ampliar para mais alunos interessados é uma maneira da faculdade mostrar que se importa com a saúde

mental de seus alunos e, também, é uma maneira de conhecer mais de perto alguns alunos e poder detectar precocemente um aluno em situação de risco psíquico, evitando assim outros episódios de suicídio e tentativa de suicídio de alunos da medicina da nossa faculdade, como os que ocorreram recentemente. Fica aqui a minha gratidão e profunda admiração às nossas orientadoras Dra Melissa, Dra. Dulce e Dra. Raquel, que foram as minhas maiores influências nessa minha jornada e que eu espero um dia poder ter 10% da sensibilidade artística e maestria delas. Tenho muita sorte de poder aprender com vocês. Gratidão!

Veyda Lourdes Ferreira Martins

O período do ELAM foi um período de muito aprendizado e humanização. Isso me ajudou tanto como pessoa, quanto como futuro médico. Cada encontro do ELAM foi benéfico e engrandecedor para mim, e acredito que os outros alunos também achem o mesmo. Eu acredito que a Arte possa humanizar as pessoas, inclusive os Profissionais da Área da

Saúde, uma área em que é necessário ser humanizado. Claro, é importante saber equilibrar a questão emocional, para não sofrer demais; mas também não é interessante ser um médico desprovido de empatia, a ponto de não ver o seu próprio paciente como um ser humano, e sim como mais um número. A ideia do ELAM foi uma ideia maravilhosa, e muito audaciosa! É tanto que completou as vagas em alguns dias! Deu para perceber o interesse de todos vocês que idealizaram esse projeto em trazer a Arte para o acadêmico de Medicina! Além disso, vocês conseguiram fazer o projeto continuar até durante a Quarentena!

*Francisco Emanuel Albuquerque
de Souza Junior*

Chegar ao fim de um projeto tão enriquecedor me enche de alegria. No ELAM eu pude perceber que é possível juntar duas coisas que eu amo muito que é a medicina e a literatura. Cada encontro foi único para mim, mesmo sendo poucos devido à pandemia. Vou levar essa experiência para o resto da

vida. O que eu pude perceber durante o desenvolvimento desse projeto, lendo alguns artigos, na fala de muitos professores e na aproximação que tive com a literatura nesse período é que o ensino baseado exclusivamente em um modelo cientificista tem se mostrado insuficiente para a formação de bons profissionais na área da Medicina e da saúde. Temas como reflexão, autoconhecimento, sentimentos, crenças, sofrimento, morte, compaixão e empatia, os quais têm a ver com as dimensões imponderáveis do ser humano e que perpassam a doença dos pacientes também são muitos importantes e muitas vezes não são valorizados e são de extrema importância na vida de um bom médico. Os principais benefícios da Literatura na vida de um estudante de medicina, segundo Sinclair, são: proporcionar um melhor entendimento acerca das experiências e vidas de seus pacientes, ou seja, fomentar a empatia; dar aos estudantes a oportunidade de crescer em autoconhecimento e prover a conscientização de que a reflexão pode aprofundar sua capacidade

de compaixão; reconhecer a dimensão humana na saúde e na doença; discutir acerca das dimensões morais (ética e legal) das vidas dos pacientes; discutir as confrontações, ambiguidades e sutilezas das diferentes perspectivas (pacientes, familiares, profissionais e sociedade). A inclusão de textos literários no nosso cotidiano pode propiciar a reflexão acerca de temas difíceis, tais como dor, sofrimento e morte, os quais fazem parte do dia-a-dia do médico, mas que muitos estudantes de medicina e até mesmo alguns médicos têm dificuldades em enfrentar, achando mais fácil ignorá-los.

João Emanuel Farias Siqueira

O Projeto de Literatura e Arte na Medicina tem superado as minhas expectativas. A cada dia vejo a importância da literatura e da arte na profissão que escolhemos seguir, um caminho intimamente ligado a humanização e ao ato de se dedicar ao próximo. Fico admirada com a experiência e o engajamento dos professores presentes no grupo, não poderiam ser melhores.

O último relatório do ELAM temo como temática: A arte na minha vida como estudante de medicina. Bom, a arte na minha vida, não só como estudante de medicina, representa uma das minhas melhores formas de expressão. A arte pra mim é uma lembrança forte da emoção em meio à razão, que de forma intensa pode fazer com que nos esqueçamos do que realmente importa. Tento cada dia me prender mais à arte, principalmente como estudante de medicina, a arte em todos os seus aspectos e em todas as suas esferas, seja ela escrita, vista ou ouvida. Como estudante de um curso tão importante e ao mesmo tempo tão intimidador, tenho a arte como um refúgio. As vezes ela está presente apenas como devaneios, outras vezes como explosões de pensamentos e sentimentos, mas sempre de forma única e especial. A minha relação com arte vem desde pequena. As lembranças tem gosto e cheiro de felicidade. Tenho então a arte como um elemento crucial na minha formação, não só como médica, mas como ser humano. Pra mim, a arte tem uma relação

íntima com o desenvolvimento de empatia, cuidado e atenção. Ela tem sido essencial, na construção do meu pensamento e da minha saúde mental. Por fim, agradeço ao ELAM. Primeiro, pela proposta incrível de vincular a arte com a medicina, algo que é feito desde sempre por muitos artistas médicos; segundo, por me estimular cada dia mais a trazer o que faz parte de mim para a minha futura profissão, e me mostrar que isso é sim possível.

Iana Lima Fernandes

Semeando ideias Uma constante (re)construção do caminho. Cada sujeito tem o seu papel, pois Pensar junto é melhor que pensar sozinho. Planejar, firmar encontros, Para uma ponte tentar construir. Pensar, discutir, dividir, Refletir, conhecer, criar. Ideias que transpassam muralhas, Uma jornada em pleno partilhar. O reino encantado é formado por pessoas Com seus desejos, anseios e memórias, Compondo uma rede em constante entrelaçar Para assim construir suas trajetórias. Projetos foram iniciados, Consolidando parcerias, Mantendo o perfil exploratório.

Neste reino encantado, Não existem heróis, vilões ou extraordinários finais. Existe um encontro de vidas, Uma história de pessoas reais. Este não é apenas mais um conto, É uma história contada de outro jeito. São como as nuances De um caminhar em um encantado reino Um forte elo começa a se desenhar Promover Arte e Literatura na Medicina Articular com os diversos atores Para tirar o coelho da cartola.

Deborah Costa Moreira Albino

O relatório desse mês tem um significado especial que é falar sobre “a arte na minha vida como estudante de medicina”, em outras palavras falar um pouco do impacto da arte na minha vida, não apenas como estudante de medicina, mas na formação da minha personalidade e é por esse ponto, puxarei uma pergunta muito importante que gostaria de iniciar esse relatório: seria a arte tão importante assim para a formação da personalidade? E a resposta, obviamente, é que sim. De fato, a arte possui muitas facetas e ela tem a capacidade de elevar e rebaixar o ser humano. E para refletirmos rapidamente

sobre a importância das artes na minha vida como estudante de medicina, voltemos a educação básica, a quando éramos ainda crianças. Um dos primeiros passos da educação é a expansão da criatividade da criança, seja por obras literárias ou obras artísticas, a arte como um todo nos permite expandir nosso imaginário e nosso vocabulário, além disso, ao nos depararmos com contos, fábulas e histórias de literatura nós nos confrontamos com seres humanos complexos, os quais nós conseguimos enxergar virtudes e vícios, e, assim, nos mostrar um ótimo caminho para o autoconhecimento e para o conhecimento do próximo. Desse modo, percebe-se que uma educação sem esse aparato importantíssimo é deficitária e pode comprometer a personalidade do indivíduo posteriormente. Assim, é fácil perceber que a arte na minha vida como estudante de medicina é essencial para que eu possa me conhecer e conhecer o próximo e, só assim, poder servir ao próximo. Respondida a pergunta chave do relatório, gostaria de voltar um pouco no tempo com meu caro

leitor para que reflitamos sobre a importância do estudo da arte na formação da personalidade do ser humano.

Francisco Davi Fernandes
Brilhante

O que desejo depois que tudo passar? Desejo ser mais solidário com cada família que perdeu pessoas queridas. Desejo que aumente e se estabeleça a esperança de dias melhores. Desejo retomar os sonhos que foram adiados ou aqueles que nem lembro mais. Desejo que os amigos se reencontrem, que pais, filhos e netos tenham se abraçado. Desejo que cada pessoa sinta-se verdadeiramente livre para ir e vir, sem culpa ou temor. Desejo ver o por do sol na praia e tomar banho de mar. Desejo que todos possam orar à Deus em suas igrejas, fofocar com suas amigas, jantar fora com quem se ama. Desejo que se prolongue o respeito por quem não pode ficar em casa na quarentena, seja médicos, seja garis, seja motoristas, enfim, todos eles. Então, desejo a vida que ela retome o mais normal que ela puder, com mais paciência, mais generosidade, mais fé, mais amor

ao próximo e mais esperança.

Finalizando esse ciclo, muito grata por ter participado do primeiro grupo do ELAM, pude me reconectar aos meios de cultura e vê o quanto a arte e a medicina se mesclam e se confundem. Por fim, o desejo que fica é o de de tempos em tempos ler um bom livro ou vê uma exposição, ser uma leitora cada vez mais ativa e desenvolver ainda mais o meu lado criativo. Por hoje termino com essa reflexão: A menina e a arte! Há um tempo atrás, conheci uma menina que de arte não sabia, poesia não entendia, dos clássicos não lia. Porque, na realidade em que vivia, a cultura erudita não chegou na sua família. Mas, para a garota a porta da oportunidade se abriu, um dia Um novo mundo para ela foi apresentado, e desse modo, o interesse começou a aparecer. Aprendeu de Camões a Manoel Bandeira, de Michelangelo a Portinari. Aprendeu que o significado da arte depende da emoção de quem faz e da sensibilidade de quem vê. Tudo o que escultou, guardou. Tudo o que descobriu, quer compartilhar. Hoje, a menina se tornou mulher e percebeu que na vida a arte e a

vida andam juntas, e diariamente tentam traduzir as alegrias, as tristezas e as dúvidas da humanidade. Há um tempo atrás, conheci uma menina que de arte não sabia, mas, agora, mulher, vê a arte como amiga, confidente e conselheira, uma parte de si.

Melissa Sousa Campos Nobre

Infelizmente, muitas pessoas têm a impressão equivocada de que se você faz faculdade de Medicina ou é médico, você já está tão ocupado estudando sobre Medicina que não pode também ser bom em outro assunto, muito menos se esse outro assunto for algo relacionado a Arte, como pintar paisagens, desenhar pessoas, escrever livros, atuar com maestria, tocar violino... Parece que muitas pessoas acham que você só pode ser bom em 1 único assunto, e que o simples fato de você demonstrar talento para alguma(s) área(s) da Arte (algo que todos têm, talvez só não saibam para qual(is) parte(s) ele(s) é(são) boa(s)) quer dizer que você está obrigatoriamente indeciso ou sem foco para com a Medicina.

Todavia, nada impede de você ser bom tanto na Medicina quanto na Arte, e isso não é necessariamente falta de foco. Afinal, Dr. Abel Salazar disse a seguinte frase: “O médico que só sabe Medicina, nem Medicina sabe”, porque Medicina não se resume a apenas seguir fluxogramas que determinam o diagnóstico, tratamento, acompanhamento e prognóstico de uma doença, consiste em tratar o paciente, e não a doença; pois, há séculos, Hipócrates já dizia: “Curar quando possível; aliviar quando necessário; consolar sempre”. Existe também a relação médico-paciente, a qual é, antes de tudo, uma relação humana. Se o médico não souber se relacionar bem com o paciente, como este poderá confiar e seguir as orientações do médico?! E é a Arte que nos ajuda a lembrar que somos humanos: é escutar uma música que nos traga paz, é se emocionar ao assistir um filme ou ler um livro, é observar uma pintura.

*Francisco Emanuel Albuquerque
de Souza Junior*

A MEDICINA É UMA ARTE

A Medicina é uma Arte... A relação entre médico e paciente com a troca de emoções e confiança são essenciais para a boa adesão ao tratamento e, indiretamente, para a melhora do paciente.

Também percebemos como a Medicina é uma Arte quando vemos que as habilidades humanas são difíceis de serem ensinadas a um aplicativo ou máquina! Afinal, escutamos muitas pessoas receosas se as máquinas poderão substituir os médicos... Eu particularmente acredito que elas vão mais auxiliar do que substituir, afinal, uma calculadora não substitui um engenheiro civil. Inclusive porque a questão das habilidades humanas é algo difícil de ser ensinado a uma máquina, e o médico que é bom nessas habilidades costuma ter um bom diferencial. Isso porque ele precisa ter conhecimento do ser humano além da fisiologia, anatomia, bioquímica, histologia... é importante entender o paciente, vê-lo como uma pessoa que tem uma história por trás, uma família, momentos de felicidade e tristeza!

Ademais, se o médico não tem como curar o paciente, pode aliviar o sofrimento ou, pelo menos, não piorar a situação. É uma responsabilidade muito grande, sendo necessários seis longos anos de faculdade, e ainda dá a impressão de que esses seis anos não são capazes de contemplar todo o conhecimento necessário para se tornar um médico!

Por fim, fico feliz em ter a oportunidade de aprender Arte, pois acredito que ela seja capaz de humanizar as pessoas. Aprender sobre Arte é algo que me faz crescer como pessoa e como futuro médico! Inclusive, acredito que é por meio do ensino da Arte que será possível tornar a Medicina mais humanizada, algo que tanto ouvimos as pessoas comentarem.

Emanoel Albuquerque

Ao final desse primeiro ciclo do ELAM só me vem um enorme sentimento de gratidão, por ter compartilhado momentos de profundo sentimento e reflexão sobre a humanidade. Saiba que você fez parte da primeira semente plantada no caminho da Arte e Humanização na Medicina da

nossa segunda casa: a faculdade. ter estado conosco nesse 1º ano.
Com a certeza que esse é apenas E vamos concluí-lo com um
o início, agradecemos por você produto: nosso livro.

REFERÊNCIAS

1. Yaghmour NA, Brigham TP, Richter T, Miller RS, Philibert I, Baldwin DWC Jr., et al. Causes of death of residents in ACGME accredited programs 2000 through 2014: implications for the learning environment. *Acad Med.* 2017;92(7):976-83. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28514230/>. acessado em 20 de Julho 2020
2. Dyrbye LN, Thomas MR, Massie FS, Power DV, Eacker A, Harper W, et al. Burnout and suicidal ideation among U. S. medical students. *Ann Intern Med.* 2008;149:334-41. doi:10.7326/0003-4819-149-5-200809020-00008.
3. Hampton T. Experts address risk of physician suicide. *JAMA.* 2005;294(10):1189-91. doi: 10.1001/jama.294.10.1189.
4. McCleary-Gaddy AT, Renay S. Addressing mental illness stigma, implicit bias, and stereotypes in medical school. *Acad Psychiatry.* 2019;43:512-5. doi:10.1007/s40596-019-01081-3.
5. Pacheco JP, Giacomini HT, Tam WW, Ribeiro TB, Arab C, Bezerra IM, et al. Mental health problems among medical students in Brazil: a systematic review and meta-analysis. *Rev Bras Psiquiatr.* 2017;39:369-78. doi: 10.1590/1516-4446-2017-2223.
6. Tenório LP, Argolo VA, Sá HP, Melo EV, Costa EFO. Saúde mental de estudantes de escolas médicas com diferentes modelos de ensino. *Rev Bras Educ Med.* 2016;40(4):574-82
7. Cardoso Filho FAB, Magalhães JF, Silva KML, Pereira ISSD. Perfil do estudante de medicina da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern), 2013. *Rev Bras Educ Med.* 2015;39(1):32-40. doi:10.1590/1981-52712015v39n1e01092014.
8. Antoniazzi AS, DellAglio DD, Bandeira DR. O conceito de coping: uma revisão teórica. *Estud Psicol. (Natal).* 1998; 3(2):273-294 acesso em 22 ago 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1998000200006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt.
9. Zanini DS, Fornis M. Coping y psicopatología: comparación entre adolescentes de la muestra general y sub-clínica. *Psiquiatria.com.*

- 2004;8(2). Disponível em: https://psiquiatria.com/trastornos_infantiles/coping-y-psicopatologia-comparacion-entre-adolescentes-de-la-muestra-general-y-sub-clinica/
10. Zanini DS, Fornis M, Kirchner T. Coping response and problem appraisal in Spanish adolescents. *Percept Mot Skills*. 2005;100:153-66. doi: 10.2466/PMS.100.1.153-166.
11. Peluso MAM, Savalli C, Cúri M, Gorenstein C, Andrade LH. Alterações de humor ao longo da preparação para o vestibular - um estudo longitudinal. *Rev Bras Psiquiatr*. 2010;32(1):30-6. doi: 10.1590/S1516-44462010000100007.
12. Chen PW. Stories in the service of making a better doctor. *The New York Times*. 2008 Oct 23 [acesso em 11 jun 2019]. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2008/10/24/health/chen10-23.html>.
13. Tapajós R. Introducing the arts into medical curricula. *Interface Comun Saúde Educ*. 2002;6(10):27-36. doi: 10.1590/S1414-32832002000100003.
14. Haglund MEM, aan het Rot M, Cooper NS, Nestadt PS, Muller D, Southwick SM, et al. Resilience in the third year of medical school: a prospective study of the associations between stressful events occurring during clinical rotations and student well-being. *Acad Med*. 2009;84(2):258-68. doi: 10.1097/ACM.0b013e31819381b1.
15. Dyrbye LN, Thomas MR, Shanafelt TD. Systematic review of depression, anxiety, and other indicators of psychological distress among U. S. and Canadian medical students. *Acad Med*. 2006;81(4):354-73 [acesso em 22 ago 2020]. Disponível em: https://journals.lww.com/academicmedicine/fulltext/2006/04000/systematic_review_of_depression,_anxiety,_and.9.aspx.
16. Coleman D, Eso-Ahola SE. Leisure and health: the role of social support and self-determination. *J Leis Res*. 1993;25(2):111-28 [acesso em 20 ago 2020]. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1993-39543-001>.

17. Miller E, Balmer D, Hermann N, Graham G, Charon R. Sounding narrative medicine: studying student's professional identity development at Columbia University College of physicians and surgeons. *Acad Med.* 2014;89(2):335-42. doi: 10.1097/ACM.0000000000000098.
18. Mairot LTS, Costa BBG, Heringer TPM, Borges RC, Moura EP. Arts in medical education: a systematic literature review. *Rev Bras Educ Med.* 2019;43(4):54-64. doi:10.1590/1981-52712015v43n4rb20180146.
19. Vasconcelos TC, Dias BRT, Andrade LR, Melo GF, Barbosa L, Souza E. Prevalência de sintomas de ansiedade e depressão em estudantes de medicina. *Rev Bras Educ Med.* 2015;39 (1):135-42. doi:10.1590/1981-52712015v39n1e00042014.
20. Martins LAN. Saúde mental do médico e do estudante de medicina. *Psychiatry on line Brasil.* 1996; 1 (1) [acesso 26 jun 2018]. Disponível em: <http://www.polbr.med.br/ano96/saudment.php>.



ISBN: 978-65-89839-08-8

CSL



9 786589 839088